

A man with dark hair, wearing a white long-sleeved shirt and dark trousers, is sitting outdoors. He is looking towards the camera with a slight smile. His hands are clasped together in his lap. The background is a blurred green landscape with trees and a stone wall.

PE. FÁBIO DE MELO

TEMPO DE ESPERAS

O ITINERÁRIO DE UM FLORESCER HUMANO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



Tempo de Esperas

O ITINERÁRIO DE UM
FLORESCER HUMANO

Pe. Fábio de Melo

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Academia de Inteligência Ltda.
Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B
Edifício New York
05001-100 – São Paulo – SP
www.editoraplaneta.com.br
vendas@editoraplaneta.com.br

Conversão para eBook: Freitas Bastos

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Melo, Fábio de

Tempo de esperas: o itinerário de um florescer humano / Fábio de Melo. – São Paulo : Editora Planeta do Brasil, 2011. ISBN

ISBN 978-85-7665-706-4

1. Romance epistolar brasileiro I. Título.

11-06000

CDD-869.93

Para Sérgio e Sandra, amigos que ganhei
no momento em que eu perdia.

O meu olhar alcança o longe. Contempla o território que me separa da concretização de meu desejo. O destino final que o olhar já reconhece como recompensa, aos pés se oferece como lonjura a ser vencida. Mas não há pressa que seja capaz de diminuir esta distância. Estamos sob a prevalência de uma imposição existencial, regra que ensina, que entre o ser real e o ser desejado, há o senhorio inevitável do tempo das esperas.



Prezado Abner,

Aqui estou eu. Necessitei de coragem para chegar. Não é fácil bater à porta de alguém que tanto preza o direito de ser só. Com o intuito de ser menos inoportuno, utilizo-me dos recursos desta correspondência. Ponderei que a minha presença poderia causar-lhe desconforto. Sou-lhe estranho. E, por isso, a carta. Vida inteira espremida neste envelope que agora foi aberto por você. Uma carta é bem menos inoportuna que uma visita presencial. É uma forma de chegar, mas sem pesar o outro com a presença.

Ando necessitado de dizer quem sou. Careço de encontrar alguém a quem eu possa retirar as máscaras, mostrar o coração. A dificuldade que enfrento no momento parece desvendar outros obscuros que trago em mim. Estou inadequado. Experimento e constato essa inadequação nas pequenas coisas. Estou precisando confessar meus medos. Só por isso lhe escrevo.

A escrita é uma aventura perigosa. Nela o coração humano se registra e se revela. O envelope resguarda o segredo, acoberta o infortúnio que gerou as palavras, segreda os motivos que o esboço da escrita não alcança, veda os espaços para que o sentimento não fuja, nem se perca pelo caminho. A palavra segura o significado do vivido, desafia o tempo, engana a cronologia. A vida vivida encontra abrigo na casa da palavra. A tenda do significado se presta a auscultar o coração confesso. E com isso o significado se avoluma. O que a palavra sabe de si mesma é misteriosamente emprestado à dor que até então doía sem ter nome. A dor pagã ganha batismo. Do obscuro ventre, alça o socorro do significado, vem à luz e acomoda-se nos estreitos territórios da palavra.

É assim que ousou bater à sua porta. Estreitado nos limites de minha fala. Tentei fazer caber neste envelope a circunstância existencial que tanto tem pesado sobre mim. Estou nas palavras, mas estou, sobretudo, nas entrelinhas. O que já sei dizer sobre mim é quase nada perto do ser que em mim se oculta. Talvez por isso eu esteja aqui. Tenho necessidade de conhecer melhor quem sou. Anseio por compreender o estatuto que me rege. A lei interior que me distingue e ao mesmo tempo me assemelha a uma parte da humanidade.

Prezado Abner, admiro muito sua obra. Desde o início de minhas atividades acadêmicas, você tem sido um autor constantemente consultado. A propósito, vez em quando me pego a pensar sobre os motivos que lhe afastaram do mundo, deixando a Universidade, o prestígio que a carreira acadêmica lhe proporcionava. Fico tentando compreender as razões que lhe conduziram ao refúgio de sua morada, optando por uma vida simples, ordinária e sem muitos contatos com a civilização. O meu questionamento não é sem motivo, afinal você abandonou o que vivo para alcançar. Desceu do pódio que auguro e lhe virou as costas. Todos os meus empenhos acadêmicos estão direcionados para um único objetivo: quero ser

um intelectual mundialmente conhecido. Interferir nas culturas humanas, agregando valores, libertando as mentes das amarras que as condicionam.

Mas eis que você, ao adentrar a materialidade dos meus sonhos, ao tomar posse do que considero o lugar de minha realização, retrocede, despreza a conquista. Deixa o mundo que quero e assume o que não quero. É bem isso, meu caro Abner. Moro com meus pais num lugar muito parecido com este em que você resolveu se estabelecer. Um lugar ermo, isolado e sem nenhuma possibilidade, senão a vida agrícola, o tedioso trabalho que minha família realiza nos campos, plantando e cultivando a terra, esperando que ela reaja e produza frutos, conforme suas esperanças.

Sou o terceiro filho de uma família de agricultores. Meus dois irmãos mais velhos trabalham com meus pais. Cultivam milho, trigo e feijão. Alternam os plantios de acordo com as épocas do ano. Eu sempre fui preservado dos trabalhos. Contrariando todas as regras do condicionamento social, nasci amigo dos livros, dos estudos, das reflexões. Enquanto à mesa minha família discutia as mesmices de suas vidas, enquanto falava de sol, sementes e chuvas, eu já estava mergulhado na problemática da existência.

Meu pai não tardou a perceber minha diferença. Vez em quando, fazia vir da cidade caixas e caixas de livros para que eu pudesse ocupar minha infância com palavras e histórias que aos poucos fui aprendendo a conhecer. Mesmo sendo um homem sem instrução, meu pai agiu corretamente. Ele não mediu esforços para oferecer-me um destino diferente do de meus irmãos.

Eu ainda estou construindo a mudança. Tenho vinte anos e curso o terceiro ano de Filosofia na mesma Universidade em que você foi professor durante anos e anos. Eu ainda continuo na busca por mudar o meu destino. Ainda continuo morando com minha família no velho sítio. Para chegar ao campus, faço uso de uma lambreta, presente de meu pai. Sou privilegiado. Tive a graça de nascer nas proximidades de um grande centro universitário. Quarenta minutos. É o que levo entre minha casa e o campus.

Levanto todos os dias no mesmo horário que meus irmãos e só retorno para casa quando a noite cai. O dia todo eu me dedico aos estudos. A biblioteca é meu refúgio. Mergulho nos livros porque neles eu sei que está a chave do mundo novo que tanto anseio conquistar. É como se a cada livro terminado um passo de retirada fosse dado. Tenho consciência de que ir embora é um processo que se dá aos poucos. Minha realização depende desta partida. Descobri tudo isso muito cedo. Iniciei minha aventura humana num lugar totalmente inadequado para mim. A vida que é vivida em minha casa não me realiza. Eu não me identifico com minha família. Por isso eu já nasci partindo. É uma questão de sobrevivência, prezado Abner. Eu preciso encontrar o meu lugar no mundo, pois este que me foi oferecido, definitivamente, não é o meu.

Creio que esteja intrigado com minha estranha forma de me apresentar!

Desculpe-me ter sido tão audacioso nas primeiras linhas de meu contato. É que eu não posso falar de mim sem necessariamente tocar em suas escolhas. Peço que releve meu amargor. Estou sofrido demais. É natural que minha fala nasça agressiva, indignada.

Mas tudo bem. Estes prolegômenos já estão extensos demais. Quero lhe dizer que estou escrevendo encorajado por um amigo que temos em comum: o professor Lamartine. Não sou de me abrir com facilidade, mas o velho professor Lamartine, ao perceber que minha alma sofria com desarmonias, resolveu quebrar as regras que prevalecem entre alunos e professores. Com ele falei brevemente que estava sofrendo muito, fruto de uma desilusão amorosa. Confesso que não foi fácil falar sobre o assunto. Parecia-me piegas descrever minhas angústias. É como se a fala sobre meus afetos desordenados representasse um retrocesso em minha vida intelectual. O amor me parece tão pouco inteligente. Foi então que ele me contou ser seu amigo, fato que me concedeu entusiasmo, e que você terminou um livro intitulado "A dor do amor à luz da Filosofia". Segundo o professor Lamartine, este livro seria de muita valia para meu momento atual. Estou realmente necessitado de uma ajuda. O meu sofrimento tem me trazido muita solidão. Não falo de solidão do corpo, mas do pensamento. Além do velho professor Lamartine, eu não tenho ninguém com quem desabafar o tormento pelo qual estou passando. Além de me permitir a leitura dos originais de seu novo livro, pois sei que ainda não pretende publicá-lo, pensei que talvez pudesse dispensar algum tempo com meus questionamentos, ainda que pueris.

Posso ter o prazer de ler os originais de sua obra? E, se posso, seria possível um contato para discutirmos as questões que certamente a obra despertaria em mim?

Com meu respeito e minha admiração,

Alfredo

Prezado Alfredo,

Obrigado pela visita. Suas palavras tão cheias de poesia trouxeram-me alegrias. Você tem razão. A dor humana não cabe inteiramente na casa da palavra. Mas é nela que vez em quando a dor descansa. Dor que não recebeu o abrigo da palavra corre o risco de virar amargura. Por isso a reflexão é tão salutar aos que sofrem. Refletir é o mesmo que erigir casas. Quanto mais conheço os vocabulários humanos, quanto mais eu mergulho no mistério dos significados, muito mais eu construo casas para abrigar minhas angústias. A palavra é um socorro à alma humana, meu caro Alfredo. Os poetas e escritores sabem disso. Uma edificação literária é um território onde muitas almas encontram descanso para suas inquietações. Por isso escolhemos os autores de nossa preferência. Nós os procuramos porque sabemos que neles encontraremos residências para hospedar nossas tristezas. A obra escrita com sensibilidade e arte funciona como teto onde protegemos nossa nudez, onde encontramos abrigo para descansar nossas indigências.

Confesso que fiquei curioso para encontrar sua alma escondida nas casas de suas palavras. Mas, seguindo seu conselho, também fiquei atento às entrelinhas. Elas são os descampados ainda não construídos, mas pertencem ao conjunto da casa. Você tem razão. Estamos no que falamos. Ou porque escondidos, ou porque revelados. Mas também estamos no que ocultamos. Um amigo terapeuta costuma dizer que o paciente se mostra muito mais naquilo que oculta do que necessariamente naquilo que revela. E que o resultado da terapia depende da astúcia do terapeuta em identificar a verdade que está por trás do não dito. Interessante isso. Recordo-me do tempo em que era criança. Todos em casa sabiam que eu tinha medo de escuro, menos meu pai. A ele eu nunca consegui assumir o medo. Tinha receio de que aquela fragilidade me retirasse parte de sua predileção. Coisa boba que geralmente ocorre no coração que ainda não está suficientemente fortalecido para as relações humanas. Meus irmãos eram destemidos, qualidade que meu pai fazia questão de ressaltar. Ocorria-me a possibilidade de que aquele medo me tornasse menos filho, menos amado, menos admirado.

Eu era o mais novo dos filhos de meu pai. O medo que sentia era motivo de escárnio para meus irmãos. Mas, toda vez que meu medo era contado ao meu pai, imediatamente eu me defendia dizendo não ter medo algum. Meu pai fazia sempre do mesmo modo. Olhava-me e secamente perguntava – “É verdade?”. E eu dizia – “Claro que não, meu pai!”.

Mas no avesso de minha negação existia uma afirmação que minha voz não escondia. Segredo exposto na fala enevoadada, e que meu pai certamente desvendou desde o início, mas nunca fez questão de me deixar saber. Só ao final de sua vida,

momentos antes de sua morte, eu quis lhe revelar o segredo. contei a ele o meu medo. Ele sorriu e não disse nada. Pronto. Mais uma vez, o revelado se deu pela força do oculto. Naquele sorriso eu pude identificar a frase não dita, a fala que nunca alcançou a raiz da voz – “Eu sei, meu filho, eu sempre soube do seu medo!”.

Passei a admirar ainda mais o meu pai. Ele respeitou minha escolha. Ele sabia que não devia ser fácil revelar-lhe aquele limite. Por isso não fez questão de forjar a resposta. A ele eu já estava revelado, e isso lhe bastava. Ele sabia que eu tinha medo de escuro, mas também sabia do meu medo de dizê-lo.

Mas isso não é importante agora. Não sou terapeuta, tampouco você é paciente. Dê a esta última palavra a casa que preferir.

Considerarei que suas declarações estão repletas de juventude. Obrigado por me confidenciar suas pressas e ansiedades. Nelas eu encontro um bilhete que me permite um retorno aos tempos idos de minhas procuras, tempo em que o coração desejava, mas não saboreava o desejo. Não se preocupe. Sofrer de juventude é destino inevitável à condição humana. Talvez seja por isso que você tenha concluído que hoje ocupo o lugar do seu rejeito, e que então estejamos em lugares semelhantes, mas portadores de satisfações opostas. O lugar a que você aspira eu realmente já ocupei, mas não se precipite em fazer juízo de valor sem antes provar concretamente os dois lados. Diamante na vitrine brilha muito mais que quando em nossas mãos.

Por enquanto, você só conhece um dos sabores. Espere o momento da síntese, depois de ter se servido dos dois banquetes. Só então você poderá dizer qual sabor é de seu agrado. Eu também vivi processo semelhante. Gostei de sua expressão “nascer partindo”. Ela também me define. Ao contrário de você, nasci num contexto de muitos recursos. Fui encaminhado ainda na adolescência para a Europa, onde iniciei uma carreira intelectual que me resultou muitos reconhecimentos e prestígios. Conheci os cinco continentes. Frequentei os mais importantes centros acadêmicos filosóficos do mundo e, depois de tantos caminhos andados, resolvi reencontrar o pequeno trilho que me viu partir.

Hoje moro numa antiga propriedade de meu pai, este lugar ermo, como você tão bem definiu. É aqui que descubro, dia a dia, a satisfação de uma rotina muito simples, mas feliz. Pouco tempo tenho dedicado à Filosofia. Troquei o ardiloso mundo das especulações filosóficas pelo conforto das artes, da literatura e da jardinagem. As muitas andanças atrás da verdade do mundo me desgastaram, meu caro Alfredo. Não quero mais o cansaço dos argumentos. Estou farto das discussões especulativas, das mesas-redondas em que as pessoas procuram prevalecer sobre as outras, todas elas vaidosas e ávidas por darem o lustre que o ego carece para não perder o prestígio, a ilusória sensação de que as questões humanas foram por elas finalmente decifradas e que podem ser armazenadas e percorridas num curto espaço de páginas. Descobri que não quero mais carregar este ônus. O vento da simplicidade finalmente soprou sobre mim. Chegou quando eu não esperava por

ele. Pediu calma, serenidade, e eu resolvi obedecer.

É interessante observar os movimentos de nossas mudanças interiores. Nem sempre sabemos identificar o nascimento da inadequação que gera todo o processo. O fato é que um dia a gente acorda e percebe que a roupa não nos serve mais. Como se no curto espaço do descanso de uma noite a alma sofresse dilatação, deixando de caber no espaço antigo onde antes tão bem se acomodava. É inevitável. Mais cedo ou mais tarde, os sonhos da juventude perdem o viço. O que antes nos causava gozo, aos poucos, bem aos poucos, deixa de causar.

Essa é a razão de estar aqui, meu caro Alfredo. Estou obedecendo ao meu coração. Ele me pediu que voltasse ao lugar que antes desprezei, e, para minha surpresa, aqui encontrei o que estava necessitando. A viagem de retorno tem sido tão fascinante quanto foi a de partida. Com isso eu concluo que a felicidade não é lógica. Por vezes ela quebra todas as regras que dela conhecemos.

Fico muito honrado com a sugestão de Lamartine. Mas cuidado. Ele é um grande amigo, e amigos costumam nos enxergar muito melhor do que somos. A obra é recente. Ela ainda respira os primeiros ares da existência. Por isso não quero publicá-la. É provável que ainda venha a sofrer modificações. Um livro não pode ser publicado imediatamente ao seu término. O tempo da maturação é importante. Escrever é como fazer pão. O tempo da fermentação é indispensável, pois é ele que faz com que o pão cresça antes de ser levado ao forno. Antes da publicação, a fermentação das palavras. O motivo é um só. As palavras podem ser traiçoeiras. Por isso gosto de oferecer-lhes descanso. Para que eu esteja certo de que todas elas mereçam pertencer ao texto. Só depois do descanso da palavra é que podemos sentir o seu sabor. Por isso gosto que amigos leiam meus livros antes de publicá-los. A mesma coisa fazia o meu pai com sua produção de queijos. O envelhecimento era fundamental para a identidade de cada peça. Vez em quando, ele recebia um ou outro amigo para oferecer provas dos queijos armazenados. As opiniões eram importantes. A palavra também precisa envelhecer. A maturidade da obra é que lhe concederá perenidade.

“A dor do amor à luz da Filosofia” é a primeira produção neste tempo de exílio. Também gosto dela. A dor que o amor nos causa sempre foi motivo de assombro para mim, mas nos últimos anos de minha vida a teoria alcançou as páginas reais de minha vida. O sofrimento sentido alçou a velha curiosidade que sempre me acompanhou. Por isso quis mergulhar na questão. A Filosofia oferece uma leitura profícua deste desconforto. Não me importaria em permitir sua leitura, mas confesso que não costumo confiar originais a pessoas estranhas. Importaria se antes de enviá-la pudéssemos trocar alguma correspondência? Afinal, o livro é uma espécie de testemunho. Nele eu confesso e reflito sobre o que confesso. É íntimo, entende? Não é confortável confiar a intimidade a alguém a quem pouco, ou quase nada, conhecemos.

Antes do envio da obra, o estreitamento dos laços. A troca de correspondência

nos facilitará a quebra da estranheza. Sugiro que a gente comece pela história que você tem para contar. Se há uma desilusão amorosa ameaçando seu equilíbrio pessoal é porque uma história de amor foi vivida. Pode ser?

Aguardando, despeço-me.

Abner

Dar um passo na direção desejada já é
chegar.



Prezado Abner,

Obrigado por me responder tão prontamente. Não posso acreditar que o homem que escreveu "As imposições da existência", obra que causou profundas mudanças em minha vida, tenha escrito um texto só para mim. Estou realmente muito honrado. Também estou aliviado, pois, depois de enviar-lhe a carta, fui tomado por um terrível arrependimento. A releitura me fez identificar algumas infantilidades, fato que me deixou bastante desconcertado.

Compreendo perfeitamente sua objeção em me enviar o novo livro. Concordo. Trata-se de uma obra ainda não publicada. Ao ler suas explicações, sentia ainda mais vergonha de minha carta. Confesso que ela não passou por maturação alguma. Enviei-lhe tão logo estava terminada.

Prezado professor, a história que tenho para lhe contar é muito simples. Tão simples que chego a ter receio de que possa lhe parecer banal. Aliás, acho desconfortável demais encontrar as palavras que possam narrar o que comigo ocorre. De qualquer forma, tentarei aproximar as palavras do acontecimento, e deles fazer o casamento.

Tudo começou quando conheci Clara, a mulher mais bonita que cruzou meus caminhos. Olhos verdes, cabelos negros e pele clara, ela parecia uma personagem da literatura universal. Inteligente, sensível, Clara conquistou-me tão logo eu a vi pela primeira vez. A luz que havia em seu nome derramou pelos caminhos da minha alma. Uma imensa claridade me envolveu e me arrebatou do tempo. Engraçado, mas foi a primeira vez que na vida pude esquecer minha inadequação com o mundo. Pela primeira vez, uma realidade se sobrepôs à importância do sonho de sair de meu lugar, de ser grande e de receber titulações que me conferissem um prestígio internacional.

Nós nos conhecemos numa casualidade. Era manhã de outono. Estávamos numa livraria e procurávamos pela mesma obra. Seguramos o livro no mesmo instante. Nossas almas estavam distraídas. Foi amor à primeira vista.

A partir do livro que desejávamos, já iniciamos uma boa conversa. Tínhamos informações diferentes sobre a mesma obra. Rimos e discutimos a coincidência da procura. Não era um livro comum. De maneira rápida e vigorosa, iniciamos os nossos encontros. É como se, cientes da brevidade da vida, não quiséssemos perder tempo.

Almas órfãs quando se encontram não se submetem mais aos malogros e sofrimentos das distâncias. Na primeira semana, tentei investigar sua vida, mas ela ainda se mostrava reticente em contar-me sobre seu passado. Ela sorria e dizia que o presente é o lugar do sentido, e com o tempo iria apresentar-me sua história. Eu me revelei inteiro. Conte-lhe todos os meus segredos. Revelei-lhe minhas aspirações e fiz questão de mostrar-lhe todas as minhas apetências acadêmicas.

Já na segunda semana eu propus uma rotina de estudos. Achei que poderíamos fazer crescer ainda mais nossas afinidades. Ocupei-me por introduzi-la nos mistérios da Filosofia e o fiz com dedicada atenção. Lemos juntos O banquete de Platão e chegamos a iniciar a lógica de Aristóteles. Mas não tivemos tempo de ir além.

Numa daquelas poucas manhãs de outono, curto espaço de tempo em que durou nossa história, recebi um bilhete deixado por ela comunicando-me que não iríamos mais nos encontrar.

Mais tarde, pude saber a razão do abandono. A notícia me veio pelo professor Lamartine, de quem Clara dizia-se também amiga. Segundo o professor, Clara havia partido com um vendedor de flores, um moço qualquer de quem nem sequer sei o nome.

Eu não podia acreditar em tudo o que estava acontecendo. O pouco tempo ao lado de Clara já me trouxera a certeza de que havíamos nascidos um para o outro. Eu estava certo de que Clara era parte do destino final de minhas buscas. Em Clara eu havia avançado quilômetros e quilômetros de minha partida. E dela eu percebia o mesmo.

Professor Abner, esta é a razão do meu sofrimento. Desde que Clara foi embora é como se as estruturas do meu mundo não existissem mais. O amor que sinto por ela tem ruído minhas esperanças, meus sonhos. É por isso que lhe escrevo. Por que o amor machuca tanto?

Desde muito cedo, escutava minha mãe dizer que só o amor é capaz de dar jeito nas pessoas. Na sua maneira simples de compreender o sentido das coisas, minha mãe sempre acreditou que o amor é o grande responsável pela costura da vida. É ele que alinha o sentido da existência, pois ele é a grande riqueza que a condição humana herdou.

Prezado professor, como posso compreender que a minha maior riqueza possa fragilizar-me tanto a ponto de me retirar a capacidade de ser quem sou? Como posso compreender que a força que dizem ser capaz de reconstruir todas as coisas possa estar destruindo a minha totalidade? Quando a gente ama, é natural que a gente se desarmonize?

Confesso que neste momento da vida não consigo acreditar nos ensinamentos de minha mãe. Há uma verdade superior, filosófica a respeito dessa questão que possa me socorrer? Concorro plenamente com você. A reflexão nos salva. Por isso lhe procuro. Quero resolver essa perda de maneira inteligente e racional. Não faz sentido me desprender de meu sonho, prejudicar o meu projeto de vida por causa de um sentimento tão destruidor.

Não sei se posso esperar sua resposta. Receio que considere pueril demais o motivo que me assola. É provável que sua obra não esbarre nestas mesquinharias, mas não lhe posso omitir que esse é o motivo de meu sofrimento. Se achar que mereço sua atenção, ficarei honrado de me ocupar com suas respostas.

Atenciosamente,

Alfredo

Meu caro Alfredo,

A sua dor chegou por aqui. Adentrou minha casa. Veio no resguardo protetor de um envelope pardo. Suas palavras cumpriram a função. Por meio delas, pude perscrutar os territórios de seu coração tão machucado pelo rejeito.

Alfredo, não é fácil estabelecer uma disputa com um florista. Os especialistas em flores possuem os segredos dos jardins. Não queira viver este embate. É certo que perderá. A Jardinagem é uma arte milenar, muito mais antiga que a Filosofia. Há muita sabedoria escondida na ciência do semear, cuidar e colher flores.

Meu caro, há uma diferença fundamental entre a Filosofia e a Jardinagem que vale a pena ressaltar. A Filosofia é o lugar da complexidade. A Jardinagem é o lugar da simplicidade. São territórios muito distintos. A Filosofia é o campo das perguntas e respostas. O jardim é o campo onde a vida prevalece misteriosa, mas ao mesmo tempo totalmente revelada. Por mais instigante que seja o contexto da complexidade filosófica, vez em quando a gente se cansa dele. O jardim é o lugar da contemplação, e a contemplação não é outra coisa senão o descanso do pensamento. É por isso que vez em quando a alma grita pela necessidade de silenciar-se. Grita pelo direito de cessar as perguntas, de interromper, ainda que temporariamente, a produção de respostas.

O amor não seria isso, meu jovem Alfredo, o conforto da contemplação mística que o outro nos desperta? Sei que não é fácil compreender tudo isso. A contemplação não pertence aos territórios da inteligência. Pertence aos da sabedoria. Eu também já perdi muito tempo correndo atrás de perguntas e respostas. Hoje eu espero que elas me venham naturalmente. Descobri que a contemplação minimiza as ansiedades que antes me roubavam a alegria.

Não seria mais sábio de sua parte, em vez de estabelecer o combate, apreender a tática do inimigo?

Alfredo, respeito sua dor. Sei o quanto amar e ser amado é aventura artilosa. O amor é um aconchego desejado por todos nós. Quando o encontramos, é natural que o queiramos para sempre. Mas nem tudo na vida acontece em conformidade com nossos desejos. Por vezes a materialidade do aconchego é desfeita, vai embora. E então sofremos com a ausência. É como se uma ponte nos fosse retirada. O acesso terminou. A pessoa a quem amamos oportuniza-nos chegar a lugares antes desconhecidos. Esta chegada a que me refiro produz satisfação interior. Ela conforta as orfandades do nosso coração, diminui nosso medo de ser só. Com isso as metas futuras não se sobrepõem ao momento presente. Quando amamos e somos amados, o futuro é apenas um detalhe, porque o presente torna-se imenso, determinante.

Não foi isso que fez Clara com você? Talvez, pela primeira vez na vida, você tenha esquecido sua obsessão pelas metas futuras, pelo sucesso que ainda habita

o amanhã, pelo reconhecimento que você tanto espera receber.

Por quê? É simples. Porque no tempo em que Clara permaneceu ao seu lado, o presente prevaleceu. Ela preencheu suas lacunas interiores com um amor que até então você ainda não havia experimentado. É, meu caro, para quem tem no presente um amor a ser vivido, o futuro é apenas um detalhe que pode esperar. Mas agora, ao provar o amargo de sua ausência, a lacuna parece ainda maior. A tristeza que a perda provoca lhe ausenta de si mesmo, e, com isso, tudo se dissolveu no ar. Antes de Clara chegar, o seu tempo desejado era o futuro. Clara começou a lhe curar dos exageros deste desejo. Fez-lhe olhar o presente com mais atenção. Bordou os seus dias com detalhes simples, mas belos. Quebrou seu cotidiano antes tão monótono, pondo nele um vigor que lhe era ausente. Mas ao ir embora, deixa-lhe sem tempo algum. Sem ela, não há presente, tampouco futuro.

Alfredo, sua mãe está coberta de razão. Só o amor pode encher a vida de sentido. É a partir dele que desvelamos nossa verdade fundamental. O amor que damos e recebemos funciona como equilíbrio para nossos pés. Todos os desdobramentos práticos de nossa vida dependem deste equilíbrio. A partida de Clara lhe desequilibrou. Depois dela você compreendeu que só a Filosofia não basta para lhe preencher o coração. O futuro e suas projeções perderam o brilho. O peso do presente lhe amarra ao solo de sua realidade crua. O impasse está estabelecido. Como voltar a sonhar o futuro? Como reorganizar os afetos?

Alfredo, isso que você sente é dor de amor. Aguda, eu sei, mas profundamente fecunda. Nessa dor há uma infinidade de sementes esperando pelo direito de nascer. Não impeça este nascimento.

Veja bem, a ausência de Clara pode lhe ajudar a clarificar ainda mais as suas metas futuras. A dor que por ora lhe pesa pode lhe servir como referencial para alguns questionamentos que considero válidos.

O reconhecimento que você tanto persegue é realmente importante? Por que a presença de Clara lhe fez perder, ainda que temporariamente, a obsessão pelo sucesso?

Alfredo, vale a pena investigar os seus motivos. Já vi muita gente se perder em si mesma. Gente que construiu uma carreira sem para ela ter aptidão, só para preencher lacunas afetivas. Gente que acumulou títulos e mais títulos, quando na verdade só desejava um amor para amar. Diante da frustração de não ser amado, muita gente reage assim. Refugia-se na vida intelectual, reveste-se de arrogância acadêmica e vive como se não tivesse um coração batendo dentro do peito. A carência afetiva é um território perigoso. Nele, muita gente desperdiça a própria existência.

Alfredo, reconheço e considero sua aptidão acadêmica, mas é provável que sua ânsia pelo reconhecimento também seja motivada por uma boa dose de carência afetiva. Nem sempre somos puros em nossas intenções, meu caro. Nem sempre a fonte de onde nasce nosso rio é pura. Mas não é problema reconhecer isso. Eu já

me enganei muito em minhas buscas. Minha procura pela verdade filosófica nem sempre foi por ela mesma. Não ansiava a verdade pela verdade. O motivo que me movia era escuso. No fundo, no fundo eu ansiava era pela vaidade do reconhecimento. O que eu queria era a admiração, o afeto, o cortejo. Passava boa parte de meu tempo fazendo pesquisas que depois me rendessem temporários lustres no ego. Lamentável, não é mesmo?

A condição humana é marcada pela precariedade. Nem sempre norteamos nossas ações por valor nobre, elevado, altruísta. Vez em quando eu reconheço minhas intenções intimamente conectadas ao contexto de minhas necessidades mais mesquinhas.

Alfredo, notei que seu estado de tristeza tem lhe proporcionado um despojamento inevitável. Mesmo as questões mais interessantes da Faculdade não estão conseguindo ocupar-lhe os pensamentos. Sua dor não lhe oferece muitas opções. Ela lhe conduz para um lugar único: o abandono de Clara. Isso não é de todo mal. Este estreitamento pode lhe favorecer um mergulho mais profundo em suas questões. Ao reconhecer-se só, você tem a possibilidade de olhar-se sem os subterfúgios de seus muitos planos. A realidade é crua. Não há nada que possa oferecer alento aos desatinos de sua alma. Este é o mistério da dor.

Meu caro Alfredo, que indigência dolorosa! Permita-me uma ironia respeitosa, mas o rei está nu. Sei o quanto isso é desconfortável. Já vivi muitas vezes essa nudez. Vez em quando a vida nos prega essa peça. Os recursos que até então cobriam e ofereciam abrigo à nossa fragilidade, de repente são cruelmente retirados. O ser fica desnudo. E os subterfúgios que usamos para esconder esta nudez, por um momento perdem a força, o sentido. Não é possível retirar o "ser" deste conflito. Tudo o que nos envolve, de alguma forma, define-nos. Recordar-se da antropologia filosófica de Ortega y Gasset? O filósofo espanhol dizia: "Eu sou eu e minhas circunstâncias". Veja bem, desde que entramos no mundo, o nosso "eu" já está nativamente aberto às circunstâncias que o envolvem. É na trama instável das circunstâncias históricas que o "eu" é nascido. Todos os limites que estão fora, de alguma forma, repercutem dentro de nós.

Alfredo, aproveite a nudez de seu ser para dar a ele o abrigo de que ele realmente necessita. O despojamento é importante para que observemos os excessos que antes não percebíamos. Há pesos que só percebemos depois que deles nos livramos. Por isso eu lhe sugiro a simplicidade. No momento da nudez, é mister que seu empenho seja focalizado. Não se disperse com as especulações filosóficas. Sua circunstância é simples. Há uma situação de abandono, e não há complexidade neste fato. Sua dor nasce justamente por identificar que a ausência de Clara revelou sua indigência. O moço que até então se ocupava de metas futuras e esperanças grandiosas por ora não tem disposição para acolher a luz do dia. É o momento da redução das possibilidades do ser.

Alfredo, a simplicidade dessa circunstância é uma chave para suas respostas.

Mas, antes disso, permita-me alertá-lo para essa sede que tem de querer receber respostas para suas inquietações. Não tenha pressa nessa busca.

Retornando ao contexto da Literatura, eu diria que este livro ainda não pode ser publicado. Permita o tempo da maturação destas questões. Respostas apressadas são perigosas. Antes delas, queira as questões. Elas são muito interessantes. Ando acreditando que há mais sabedoria em saber lidar com as questões do que necessariamente saber respondê-las. Conviver com elas requer simplicidade.

Meu caro Alfredo, tudo o que é belo tende a ser simples. Afirmção generalizante? Não sei. O que sei é que a beleza anda de braços dados com a simplicidade. Basta observar a lógica silenciosa que prevalece nos jardins. Vida que se ocupa de ser só o que é. Não há conflito nas bromélias, não há angústia nas rosas, nem ansiedade nos jasmims. Cumprem o destino de florescer ao seu tempo e de se despedirem do viço quando é chegada a hora. Não se prendem ao passageiro nem têm a pretensão de eternizar o que não nasceu para ser eterno. Não querem outra coisa senão a necessidade de cada instante. Não há desperdício de forças, nem há dispersão de energias. Tudo concorre para a realização do instante. De forma simples e original.

Não sei se há alguma novidade nisso que vou lhe dizer, mas não me importo em repetir essa verdade, afinal há sempre um jeito novo de escutar o que é velho. Simplicidade é um conceito que nos remete ao estado mais puro da realidade. Talvez seja por isso que as pessoas simples sejam mestras em alcançar a felicidade com poucos recursos. Elas fazem uma experiência direta da vida. Deixam-se afetar por tudo o que é vivo e não perdem tempo com complexidades que não alterarão a vida que precisa ser vivida.

Você tem uma afeição especial aos discursos sofisticados, às narrações rebuscadas e complexas. Isso é bom, mas nem sempre funciona na vida prática. O amor da sua vida foi levado por um vendedor de flores. Seu discurso inteligente, sua boa conversa não foram mais convincentes que uma rosa vermelha, ofertada em um fim de tarde, quando a vida era outono e os corações estavam desprevenidos.

Presumo que o vendedor não tenha dito muitas coisas. Apenas sorriu com simplicidade e entregou à Clara uma rosa recém-colhida. O seu banquete, o de Platão, as iguarias de suas ideias não representaram muita coisa diante da rosa vermelha. A vida é assim, meu caro Alfredo. Nem sempre acertamos no investimento. Por vezes ganhamos, por vezes perdemos. Mas não se preocupe. Perder é também uma forma de ganhar. É só olhar o avesso da derrota. Há ensinamentos que sobrevivem velados em locais estranhos. Vitória na derrota? Claro que há. É só modificar o jeito como olha para a realidade.

Veja bem, perder Clara representou para você uma grande vitória, só que você ainda não foi capaz de perceber isso. Clara, ao lhe deixar, ao lhe trocar por um vendedor de flores, entregou-lhe uma chave poderosa que abrirá lugares nunca

visitados do seu coração. A tristeza, meu caro Alfredo, esse sentimento estranho que nos desinstala tanto, pode ser uma verdadeira fonte de virtudes. Quando bem interpretado, o sofrimento se transforma num impulso fantástico para as superações que precisamos viver.

Toda perda sempre esconde um ganho. Essa frase é comum, já foi muitas vezes repetida, eu sei. Mas como é importante repetir essas coisas. Por isso volto a dizer, escute as mesmas coisas de sempre, mas de um jeito novo, diferente.

Um dia eu precisei amar minha dor. Era o único jeito que tinha de continuar vivendo. Ou aprendia, ou morreria com ela. Resolvi aprender. Desde então, minha dor é minha companheira, minha mestra, minha parceira. Deixou de ser minha inimiga no momento em que eu a olhei nos olhos e aceitei conhecê-la com mais propriedade. Quis entrar nos mistérios de seus mecanismos com o intuito de poder administrar melhor as suas consequências.

Eu não a busco, mas, quando chega, abro as portas para que não force as janelas. Deixo que entre, ofereço-lhe um café, olho nos seus olhos para que cesse o medo e depois me empenho em deixar que fique o tempo necessário, até que se dissolva por si só, pela força do tempo. Quando acolhida, a dor se dissipa aos poucos, e, de maneira incrível e surpreendente, o que parecia ser tão definitivo transforma-se em matéria transitória.

Pode parecer-lhe estranho, mas eu prefiro que ela se acomode na sala. Se eu não permito que ela entre, ela fica batendo na minha janela, dia e noite, impedindo-me o sono.

Eu poderia muito bem ter escolhido lidar com ela a partir de todo o instrumental filosófico que tenho à minha disposição. Foram anos e anos ensinando a milenar arte de arquitetar o pensamento, mas descobri que não era o melhor caminho. Filosofar sobre a dor não ameniza o seu poder, ao passo que acolhê-la com simplicidade, isso sim faz sentido.

Você pode estar pensando que estou lhe sugerindo um absurdo. Como é que um homem afeito à reflexão pode viver sem filosofar sobre seus conflitos? Não estou dizendo que abro mão de refletir sobre meus dilemas, tampouco estou lhe propondo que o faça. Eu também busco casas para abrigar minha dor. Estou apenas sugerindo que se permita ser mortal. Retire as armaduras da arrogância acadêmica. Volto a dizer: o rei está nu. Nenhum argumento poderá livrá-lo desse desconcerto. Não se apresse em forjar as respostas para suas perguntas. Tenha paciência com suas circunstâncias.

É provável que Clara tenha descoberto no florista uma riqueza diferente da que havia descoberto em você. É, meu jovem amigo, a Filosofia é quase nada perto da sedução da simplicidade. Há mais encanto nos gestos, nas flores, que nas formulações elegantes que nossas palavras são capazes de produzir.

Desculpe-me pela ousadia, mas, muito mais que receber respostas para sua dor, do que você verdadeiramente precisa é aprender a perder. Eu sei que não é fácil,

mas é um caminho que você não poderá evitar. Se quiser recomeçar a sua vida de um jeito certo, terá de reconhecer que a batalha está perdida.

Sem medo, tenha a coragem de se reconhecer perdedor. Não permita que esta derrota lhe retire a coragem de enfrentar novos desafios. A vida continua. Organize este luto. Há sepultamentos que são necessários para o prosseguimento da vida. Não prolongue no tempo o sofrimento. Não seja orgulhoso. Assuma a perda de forma criativa. A perda sofrida pode se transformar num ganho. É só permitir que dela você receba os ensinamentos. Semente que não aceita morrer não pode produzir frutos. É a regra vegetal a nos propor um jeito sábio de viver.

Diante desse sofrimento, há um jardim de ensinamentos que precisa ser cultivado. Desculpe-me falar tanto de jardins, jardineiros e floristas. Sei que isso aguça ainda mais a sua angústia. Não se preocupe, olhar de frente o nosso inimigo já é um recurso que nos ajuda a desvanecer sua força. Os fantasmas só deixam de nos assombrar no dia em que fixamos neles os nossos olhos. Os fantasmas sobrevivem é do nosso medo. Somos nós que os alimentamos.

Meu caro Alfredo, eu vou ficando por aqui. Agora quem pede uma resposta sou eu. Estou curioso para saber apenas uma coisa. Em algum momento, naqueles breves dias de convivência, você ofereceu flores à Clara?

Atenciosamente,

Abner

Só as flores respondem o que as
palavras ainda não sabem perguntar.



Prezado Abner,

Cá estou eu nos desconfortos de minhas circunstâncias. Encontrar um sustento para o “ser” não tem sido fácil. Continuo amuado e sem motivação para reagir. Desculpe-me, mas não tenho disposição para esta simplicidade que sua carta sugere. Confesso que nem sei ao certo o que isso significa. Há alguns conceitos que considero apenas estéticos. Bonitos, mas não consigo compreendê-los nos desdobramentos do cotidiano.

A simplicidade é uma cidade que não conheço. Minha natureza sempre foi complexa. Eu só consigo experimentar os sabores do mundo quando o absorvo lentamente pelas vias da complexidade. Gosto mesmo é de investigar a reciprocidade das partes, o contexto que é fruto de articulações minuciosas e exigentes. Enxergar com simplicidade? Isso só é possível no discurso poético, nobre professor.

Quanto à sua pergunta, é claro que posso responder. Nunca ofereci flores à Clara. O motivo é um só: ela nunca demonstrou gostar de flores. Clara também se mostrou afeita às reflexões. Nosso amor era movido por metafísicas. O que é um ramalhete de flores perto de um cesto de palavras?

Eu percebia que Clara admirava muito o meu jeito de interpretar as questões fundamentais da existência. Gostava de me ouvir falar das vertentes filosóficas, das origens do pensamento, das epopeias e dos heróis. Sempre gostei muito de estudar a mitologia grega. Nossas conversas giravam em torno dessas questões. Eu lhe ensinava os segredos dos mitos, as sugestões que provocaram ao longo da história, e o ensinamento que resguardavam. Mergulhávamos juntos nos mistérios da hermenêutica.

Tudo ia maravilhosamente bem, quando de repente ela se foi. Corro atrás dos motivos, mas confesso que não posso encontrá-los. O que sei é que algo muito sério aconteceu com Clara. Ela não tinha motivos para me abandonar. Eu já tinha estabelecido as metas para nosso futuro. Clara ficaria ao meu lado. Desfrutaria comigo os louros de minhas conquistas.

E por falar em conquistas, prezado professor, sei que isto pode lhe parecer arrogante, mas confesso que tenho muita dificuldade para entender essa história de que há sempre uma vitória na derrota. Não há uma contradição fundamental nessa premissa? Os princípios de nossa tão admirada Filosofia não estão sendo desconsiderados ao afirmar a reconciliação desses contrários?

Perdoe-me, sei que estou sendo pretensioso em discordar de sua fala, mas não poderia omitir este meu posicionamento. Posso até reconhecer que suas palavras estão revestidas de beleza, mas nem sempre a beleza resguarda a verdade. Não posso concordar com isso. Não encontro coerência em seu discurso, meu caro professor. Sofrer não é vitória. Experimento isso na pele. Não me sinto no pódio por

perder Clara, ao contrário, eu me sinto é na vergonha do último lugar.

Não há beleza na perda. A partida de Clara confirma o que afirmo. Depois que ela se foi, o meu mundo está reduzido. Minhas possibilidades estão escassas. O que antes era largo agora ficou estreito. O que antes era plural agora voltou a ser singular. Onde está a vitória em tudo isso?

Suas palavras são belas, mas não respondem. São instigantes, mas não representam solução para o meu desatino. Mesmo assim devo admitir que estou imensamente grato por se ocupar comigo. Imagino que seu tempo seja curto para tantas demandas de leituras. De qualquer modo, gostaria de pedir-lhe uma gentileza. Caso ainda esteja disposto a continuar a ouvir minhas lamúrias, poderia me responder uma última questão?

Onde está a glória do fracasso?

Com meu respeito e minha admiração,

Alfredo

Meu caro Alfredo,

Creio que sua carta tenha sido escrita em momento de profunda irritação. O rancor escorre pelos cantos de suas palavras. Escreveu com pressa? Não permitiu que as palavras demorassem em você? Creio que sim.

Mas não se preocupe. Eu também já fui vítima desses rompantes de juventude. Toda vez que alguém se opunha ao meu modo de ser e pensar, eu rapidamente armava minha defesa. Eu não era capaz de dormir sobre o desconforto da refutação. Achava que a reação deveria ser imediata. Estava sorvido pela doce ilusão de que é preciso ter sempre razão. Por isso errei tanto.

Você sabia que a ira nos cega para a sabedoria? E o pior, faz com que o nosso inimigo prevaleça. A raiva nos retira a capacidade de analisar as palavras que nos desafiam. Manter a calma pode nos ajudar a compreender melhor o porquê do desconforto. Recomendo-lhe que mergulhe um pouco nos escritos de Sêneca, o grande pensador. Ele fez reflexões muito interessantes a respeito da ira, mas isso não vem ao caso. Deixo Sêneca como lição de casa.

Meu caro Alfredo, não saber perder já é uma forma de perder sempre. E perder sempre é um jeito mesquinho de morrer antes do tempo. Quem não aprende a lidar com as perdas corre o risco de manter a vida estacionada. Multiplica os desafetos e despeja sobre o mundo todas as suas insatisfações.

Glória no fracasso? Existe, meu caro Alfredo. Mas é cedo para que você possa enxergar. Ainda lhe falta uma parte importante do processo. Você ainda não assumiu ter perdido. Seu orgulho não lhe permite. Sua incessante tentativa de encontrar explicações sobre os motivos de Clara ter partido funciona como esconderijo. Volto a dizer, o rei está nu. Só que ele insiste em imaginar-se vestido.

Alfredo, só pode enxergar a glória que há no fracasso aquele que enxergou o fracasso por ele mesmo. O maior medo, o mais vergonhoso de todos os medos é o medo de dizer que se tem medo. Camuflar a insegurança é alimentar a covardia. Não ter coragem de olhar para o próprio fracasso é ser duas vezes fracassado, meu caro.

Outra coisa. Clara ainda não foi embora. Por isso o sofrimento é tão agudo. Organizar o luto é muito importante para que o tempo inicie o processo da cura. Você não permitiu que ela partisse, pois insiste em aprisioná-la nos seus sonhos, nas suas esperanças. Clara está atada às suas costas. Você a transformou num fardo pesado e desajeitado. Por isso você tem tanta dificuldade em prosseguir o seu rumo.

Dessa forma você estende o tempo da dor. Você a transforma em agonia, pois retira dela o caráter redentor que lhe é próprio. Sofrer por sofrer? Não creio que seja uma opção inteligente. Você não pode insistir em aprisionar o que não é seu; reter o que não existe mais, o que já se foi, o que já morreu, o que já partiu.

Assuma que Clara foi embora. Não distraia sua alma com tantas perguntas. Tranque essa porta de onde você insiste em contemplar a estrada vazia. Depois de morto, o corpo precisa ser sepultado. Mas não é somente a materialidade que precisa de sepulcro. Organizar o luto consiste em reconfigurar a vida a partir da ausência estabelecida.

Eu já vi muita gente perder o sentido da vida pelas mesmas razões. Pessoas que não admitiram sepultar os seus mortos. Não souberam reconfigurar os sonhos. Ficaram presas aos entulhos do passado e não permitiram que o presente soprasse vento de renovação sobre os destroços.

Por isso eu insisto. É importante saber perder, meu querido. A superação da perda só pode ter o seu início quando o perdedor reconhece a derrota.

Alfredo, admita que o florista está no pódio, e que você se arrasta para chegar até a linha de chegada, mas em último lugar. Comece a admitir isso para que a glória do fracasso não permaneça oculta aos seus olhos. Você é um perdedor. Essa é sua verdade. Seus banquetes filosóficos, seus poemas, seus heróis mitológicos não venceram a batalha. Os cestos de flores prevaleceram sobre os seus cestos de palavras.

Ó Alfredo, até quando insistirá em encontrar respostas para as perguntas que você ainda nem foi capaz de se fazer de fato? As perguntas que você me faz ainda são desconhecidas para você mesmo. São ocas. Não sabe o que quer perguntar e, mesmo assim, pergunta. Antes de desejar a resposta, investigue a sua pergunta, meu filho. Seja honesto com sua interrogação. Não perca tempo com as investigações sem propósito e, antes mesmo de querer o alento para sua dor, queira experimentá-la com profundidade. A dor é sua. Não é possível que ela seja tão infértil!

Quanto à contradição da minha premissa, eu a assumo. Sei que é contraditória na teoria, mas não o é na prática. Já observou que nem sempre a lógica do pensamento corresponde à lógica da existência? A vida é muito mais que a teoria que sobre ela estabelecemos. Ela não cabe nos nossos conceitos, mas nos escapa o tempo todo. Escorre pelos dedos, foge de nós. Por isso ficamos contraditórios.

Ontem mesmo descobri uma contradição instigante que faz parte de minha vida. Argus é um cão que amo muito. É um grande companheiro que tenho em casa. Argus não é um cão bravo que possa me servir como vigia. Também não possui pedigree para que possa ser exposto e premiado em concursos de cães. Argus não é bravo, nem belo. Cheguei à conclusão de que Argus é um inútil para mim. Não me serve para nada, e, no entanto, eu não consigo imaginar minha vida sem ele. Há coisas que nos são inúteis, mas mesmo assim nos são indispensáveis. Já pensou nisso?

Há sempre um perigo no amor que tem utilidade. Enquanto o outro exerce alguma função na nossa vida, corremos o risco de não experimentar o amor gratuito. Meu caro Alfredo, a utilidade pode parecer amor, mas não é. Amor que se

fundamenta na utilidade que o outro tem corre o risco de se transformar em abandono num futuro próximo.

Quando queremos o outro só por causa da utilidade que tem para nós, agimos para satisfazer nossas necessidades. Amamos até o dia em que o outro nos é útil. No dia em que deixa de ser, mandamos embora, dispensamos. Esse é apenas um exemplo de uma contradição que só pode ser resolvida na prática da vida. É possível amar os inúteis? Na teoria não, mas na prática, sim.

Talvez você não esteja muito familiarizado com a linguagem das contradições, afinal você é fascinado pelas respostas. Você anseia ardentemente pelas explicações. Ouso lhe dizer que as contradições são sempre instigantes. Elas sugerem mais do que explicam. O contraditório é a vida pedindo socorro, é a existência clamando por ser interpretada. Mas essa interpretação não é um cânone de respostas prontas. Essa interpretação é feita a partir de respostas que geram novas perguntas. Por isso ela é processual. Ela perpassa por inúmeros caminhos e invade nossa vida inteira. O filósofo Henri Bergson refletiu com profundidade o vínculo que nos prende à vida. O ser humano precisa de um motivo para ir adiante. Ele chamou esse vínculo de “elã vital”, a força que nos move, que nos conduz e que traz um significado ao cotidiano que nos envolve. Minha relação com o mundo melhorou muito depois que descobri que as contradições fazem parte do meu elã vital.

Depois disso eu estou mais humano, mais paciente com minhas misérias, mais misericordioso com o mundo. Alfredo, por mais que tenhamos respostas prontas, o dilema da existência nunca terá fim. E não pode ter fim. O que nos move é justamente a sua dinâmica. O conflito é o pão nosso de cada dia. O contraditório é a experiência de toda hora, é o fruto de todo instante, é o companheiro que trazemos no bolso.

Clara deixou de clarear sua vida. O nome que até então enchia o seu coração agora está coberto de nuvens. Quanta escuridão resolveu morar neste nome! O que antes clareava agora escurece. Que contradição! Resolva-a, meu caro Alfredo. Ponha essa inteligência tão aguçada para funcionar. Reconcilie os seus contrários. Deixe que a partida de Clara lhe faça chegar a algum lugar dentro de você. Não tema a ausência de respostas. Há um encanto resguardado neste silêncio, acredite. Nem sempre a vida fala. Por vezes o que dela temos é o silêncio. Descanse um tempo maior neste seu não saber. Quem sabe assim o encaixe das peças venha a acontecer.

Mas enquanto não acontece, descubra alguma realidade que possa lhe servir de elã vital. Qualquer coisa que lhe ofereça vínculo com a vida. Algo que não lhe deixe esmorecer, que lhe empreste sentido, que reacenda o seu desejo de futuro.

Vou ficando por aqui, mas, antes de terminar, eu gostaria de fazer-lhe uma última pergunta. Você dedica amor a alguma realidade que lhe é inútil?

Ansioso por saber, despeço-me.

Abner

Já começou a ganhar aquele
que reconhece ter perdido.



Meu querido Abner,

Hoje o frio está me paralisando as mãos. Escrevo com a mesma dificuldade com que respiro. O existir é pesado em mim, e minhas narinas confirmam isso. Estou lutando contra um resfriado. Mas eu sei que é em vão. Escutei desde criança que um resfriado quando bem cuidado dura uma semana, se não cuidado dura oito dias.

Não quero responder agora à sua pergunta. Estou sem forças para arquitetar qualquer argumento. Suas palavras estão enfeitiçadas. São muitos os sortilégios alojados no último envelope.

Ao invés de uma resposta, envio nova pergunta. A fragilidade do momento me permite essa proeza.

Veja bem. O resfriado que me abate é profundamente revelador. Ele me mostra os limites de minha condição humana. Estou privado de muitas coisas. Em outras palavras, o resfriado põe o meu corpo num estado de fracasso. Então pergunto. Há alguma glória em ficar resfriado?

Pronto. Hoje não tenho disposição para muita conversa. Espero que não se ofenda com a singeleza de minha pergunta.

Sua resposta será aguardada com ansiedade e dipirona.

Resfriadamente,

Alfredo

Meu caro Alfredo,

O inverno é estação proprietária de muita beleza. Mas o seu frescor traz gripes fortes. É a vida nos mostrando, mais uma vez, que dela é impossível extrair somente coisas boas.

Recorda-se das realidades contraditórias? Pois é. O inverno tem suas belezas, mas elas não chegam sozinhas. Quem quiser desfrutar os encantos da estação fria terá de suportar também suas mazelas.

Ontem pude contemplar uma visão espetacular da minha janela. Observei um João-de-Barro trabalhando na restauração de sua casa. Um laborioso e detalhado trabalho. Uma paciência interessante de ser observada. Um exímio construtor. Fiquei pensando: quem o ensinou a construir assim?

Aquela cena me convocou a adentrar o significado da simplicidade. O João-de-Barro não tem outra especialidade senão essa: construir casas. Não dispersou forças em outros investimentos, mas desenvolveu com naturalidade o seu principal talento.

Seguiu com simplicidade o seu destino. Não quis voar como as águias, tampouco quis ciscar como as galinhas. Seguiu o seu instinto e desenvolveu com simplicidade os atributos de seu ofício.

Ao ler sua carta, ou melhor, seu bilhete, eu fiquei recordando que minha mãe dizia a mesma coisa que você. O resfriado é assim mesmo. Cuidando ou não cuidando, durará o mesmo tempo. Um ou outro medicamento pode até amenizar os sintomas, mas não cura a causa. A cura do resfriado vem com o tempo. O corpo se encarrega de expulsar os vírus invasores, e, aos poucos, os sintomas desagradáveis são aliviados, e o organismo se reconcilia com o bem-estar.

Intuo que a vida afetiva sobreviva sob as mesmas regras. Amores desfeitos são como os resfriados. Num primeiro momento são agudos, doídos. Ficamos prostrados, indispostos. Mas é só uma questão de paciência. Afetos também carecem de repouso. Precisamos deixar que o movimento natural da vida venha inflar novos ares dentro de nós. O tempo se empenha de ajeitar as coisas em seu lugar. Pode acreditar. Este momento doloroso vai passar.

Alfredo, estamos em constantes êxodos. A vida passa e com ela também passamos. As travessias são constantes. Por isso é tão importante que estejamos atentos aos movimentos e mudanças. Para não haver o risco da estagnação. Para não incorrermos no erro de deixar a vida passar sem que com ela a gente se envolva.

Estou realmente convencido de que vive melhor aquele que acolhe a novidade de cada dia. Aquele que não se prende à estação já findada, mas dela recolhe o fruto ofertado e prossegue.

Alfredo, eu alimentei muita infelicidade ao tentar reter o que da vida não poderia

ser retido. Infelicitei minha alma pesando-a com os cadáveres de meus apegos. Fechava as portas do tempo presente, insistindo em acreditar que o melhor da vida já estava soterrado. O apego ao passado é uma paralisia hedionda. Ele transforma o ato de recordar em um instrumento destrutivo. O ser humano não é por acaso e a memória é o depósito de toda a vida já vivida. É maravilhoso pensar que posso acessar meus tempos idos através de um fio imaginário que aciono e que é capaz de refazer minhas cenas mortas. Tantas pessoas cabem aqui dentro de mim! Estão alojadas em algum canto da memória. Vez em quando saem aos bandos, gritando vozes antigas, contando casos que me incluem, remontando cenários, devolvendo-me a existência já existida, desvanecida, feito pó. São as minhas idades, todas elas, dispostas como se fossem arquivos, e que podem me devolver sensações, como se a vida estivesse adormecida, e que uma simples fala poderia acordá-la de seu sono.

Alfredo, recordar é tão bom. Ouso dizer que é um exercício poético. Por meio da recordação, podemos ritualizar a existência, pondo num mesmo altar todos os tempos, conjugando-os sem as amarras de suas determinações.

Mas é por ser poético que também é perigoso. A recordação pode se transformar numa prisão. Nem tudo permanece. As perdas são inevitáveis, você bem sabe. O apego ao passado pode nos privar das belezas do presente e das esperanças do futuro. Eu vivo fazendo acordo com o tempo. Descobri que não posso vencê-lo. Aprendi que o passado pode ser um quadro na parede, mas nunca a mobília principal.

Meu querido amigo, abrir mão da vida que já não nos pertence é um jeito sábio de perder para ganhar. Volto a dizer. Perdemos o tempo todo. E perder requer arte. Os seres que éramos ontem, hoje já não os somos mais. Estamos modificados. Alguma coisa em nós já começou a morrer. Mas outras realidades já nasceram. Esta é a dinâmica do luto. Aquele que a cada dia se sepulta da mesma forma renasce. Toda perda requer luto. Mas nem sempre vivenciamos corretamente os movimentos deste luto. A morte do que somos desordena tudo. Mexe, modifica, desinstala. Mas depois há sempre uma nova oportunidade humana à nossa espera.

O mesmo acontece quando perdemos alguém. Enfrentar a morte das pessoas que amamos não é fácil. Falo de todas as formas de perder. Há pessoas que se vão de nossas vidas, mesmo quando permanecem ao nosso lado. A morte não foi física, mas afetiva. A morte física se impõe com uma dramaticidade maior. O sepultamento do corpo é o desfecho da despedida. Enterrar é necessário. É preciso que o velório termine, que o quarto seja desarrumado e que as roupas sejam doadas, repartidas, para que a vida reencontre seu curso normal. A tristeza faz parte do processo, mas será mais leve à medida que o tempo cumpre o seu específico, que é passar. Tempo não foi feito para ficar, ao contrário, foi feito para passar. E é bom que passe.

Nisso há uma dádiva. O tempo é redentor. Nele e com ele faremos a experiência

do distanciamento que nos ajuda a enxergar com mais leveza os acontecimentos do passado. É por isso que o processo terapêutico consiste em propor um retorno no tempo. Mas o tempo a que retornamos só existe no contexto de nossas lembranças. A cena já se desfez, muitos personagens já morreram, mas o resultado da cena ainda continua atuante dentro de nós. A isso chamamos de trauma.

A terapia é uma tentativa de nos levar a um tempo que já não nos pertence. Por meio da sugestão, nós retornamos ao lugar do passado e acessamos o acontecimento que não nos fez bem. Voltamos à cena do trauma para revivê-lo com os recursos de hoje. Com isso, há uma possibilidade de cessar o poder do trauma porque, ao acessar o passado com os olhos de hoje, podemos encarar o acontecimento que nos traumatizou de um jeito novo. O novo olhar nos cura porque expulsa o medo que até então morou dentro de nós.

Eu sei que posso estar falando algumas bobagens. Mas o que é o homem sem as bobagens em que acredita, meu prezado amigo? Falo tudo isso porque estou afetado com sua perda. Vejo tudo isso com muita simplicidade. O fato é que Clara se foi de sua vida. Na sala principal de sua existência, há um velório que você não permite terminar. Sua tristeza não tem encontrado redenção por um motivo muito simples. Você não iniciou o seu luto. Ainda permanece relutante no lodo do abandono. O corpo estendido em sua lembrança não lhe permite prosseguir.

Alfredo, eu tenho sentido que a morte começou a rondar a minha vida. Percebo que não viverei muito tempo. Essa percepção me divide. Vejo o seu lado assustador, mas também reconheço sua sedução. Acho confortável os direitos que a proximidade da morte me lega. Morrer, finalizar, terminar são verbos que me concedem o direito de perder a pressa, as urgências. A certeza de que em breve já estarei de partida me faz dispensar o que na vida é accidental. Não posso perder tempo com mesquinhas, tampouco negligenciar cada minuto que ainda tenho.

Não é inegável que há um encanto em tudo isso? Logo que me percebi velho, eu me senti no direito de abandonar a Universidade, as aulas, a vida social, quis perder a pressa. Este é o recanto do meu sossego.

Precisei ficar velho e cansado para obter este privilégio. A velhice traz benefícios. Limites também. Mais uma vez estamos tocando os contrários.

Meu querido Alfredo, é preciso resgatar a beleza das finalizações. Revestiram de tragédia a nossa derradeira partida. O materialismo das sociedades está transformando a morte num ato definitivo. Os olhos só enxergam a lápide, o destino final do corpo. Não gosto de pensar assim. Prefiro a perspectiva da passagem. É bom passar. É bom fluir, seguir o remanso dos dias que nos levam e a ele não resistir. Deixar que a vida cumpra o seu papel de me fazer ser velho e de me dar, em partes, a sabedoria de que preciso para interpretar o meu passado.

Aproveite o seu resfriado. Ele lhe recorda a finitude de sua condição. Não se assuste com o que vou dizer. Ele é uma janela de onde você pode ver como será o fim. Ficar doente é o mesmo que debruçar na janela de onde podemos avistar a

morte. Aproveite essa enfermidade para perceber a ação da morte em seu corpo. É assim que ela agirá um dia, levando-lhe de si mesmo.

Olhe pelo lado bom. O mal-estar do corpo é um recado que nos recorda a precariedade da matéria. O corpo padece e morre um pouco todo dia. Mas no avesso dessa morte há um prêmio, um bilhete que lhe permite acesso a lugares interessantes em nós mesmos. Este é o prêmio que tanto almejo ultimamente.

Aproveite a debilidade do corpo e volte o olhar para sua alma. Está na hora de sepultar o que restou de Clara. Organize este luto. Olhe para sua perda de forma corajosa e determinante. Ocupe-se de sua dor de um jeito novo. Sepultura aos que estão mortos, meu caro. Este é o primeiro passo para que o processo do luto nos encaminhe para a cura.

Posso lhe dar uma sugestão? Por que você não aproveita o próximo período de férias para se ocupar de uma atividade lúdica? Esqueça um pouco os livros. Ocupe-se de uma realidade bastante simples, mas profundamente inspiradora. Não quer plantar um jardim? Acho que lhe faria bem. Seria uma oportunidade única de conhecer melhor as armas do seu inimigo.

Desejo-lhe melhoras.

Atenciosamente,

Abner

A tristeza é como o rio.
Se estancada ela aprofunda.



Meu caro Abner,

Recebi sua carta. Coincidiu com a melhora das últimas indisposições que o resfriado me criou. Por isso não me assustei tanto com a história da janela. Ver a morte? Não quero, ao menos por enquanto.

Sempre tive medo da velhice. Receio que a vida não permita a realização dos meus sonhos. Não deve ser fácil perceber que o tempo passou e que as coisas não aconteceram como esperávamos.

Confesso que fiquei assustado com a proposta do jardim. Não tenho conhecimentos para isso, meu querido mestre. Construir um jardim requer ciência. O meu, se tivesse de fazê-lo, seria uma afronta às regras da Jardinagem. Não me atrevo a fazer o que não sei. Reconheço meus limites. Iniciei ontem minhas férias e quero aproveitar este tempo para atualizar minhas leituras, mas estou muito distraído. Tenho conseguido pouquíssimos resultados. Para usar a mesma linguagem que você, posso dizer que este luto não tem sido fácil de ser organizado. Clara não sai do meu pensamento. Este trauma está difícil de ser curado. As marcas que ela deixou em mim são profundas e definitivas.

Gostei dos argumentos com os quais você justifica a sua retirada da vida social. Nunca havia pensado no aspecto positivo da velhice. Como já lhe disse, eu sempre considerei o envelhecimento como algo vergonhoso, humilhante. Perder os controles, a vitalidade, adoecer. Nunca havia pensado nos direitos que brotam dessas realidades. Como você já disse anteriormente, eu sofro de juventude. Estou adoecido pela necessidade de realizar-me, de ir além. Confesso que não estou desejoso de que chegue logo a minha aposentadoria.

Ainda não sei pensar em nada sem que Clara esteja participando do pensamento. É quase uma tortura. Por vezes, ouço o som de sua voz, como se estivesse andando ao meu lado. É como ter sede no deserto. A ausência da água faz o andante enxergar o oásis.

Concluo, meu velho e aposentado professor, que o amor provoca delírios. Ele me põe num contexto de necessidades que nunca terão fim. Estou ainda mais impaciente comigo mesmo. Em casa não tenho conseguido conversar, tampouco interessar-me pela rotina de minha família. Tudo está pesado, enfadonho.

Este amor que tenho por Clara é uma espécie de sede que não há água que possa matar. É uma sede que me faz esquecer da vida real. Quero somente a visão artificial do oásis. É como se eu estivesse vivendo a negação constante da realidade que me envolve. Amo e espero o tempo todo. Espero que volte, que me peça perdão por tudo o que me fez sofrer, que diga que foi engano, que ainda me ama e que o florista foi apenas uma ilusão passageira.

Confesso que esse é o destino final que quero para a minha história, Abner. Ver o retorno de Clara será a maior de todas as felicidades já experimentadas até o dia

de hoje. A propósito, o que é a felicidade para você?

Com meu carinho,

Alfredo

Meu caro Alfredo,

Que pergunta ingrata! Estou cada vez mais convencido de que você gosta mesmo de perguntas que não podem ser respondidas. O que sei sobre a felicidade? O que dela experimentei. Ao longo destes anos vividos, muitas vezes eu reconheci que meu corpo estava visitado por uma satisfação diferente. Uma satisfação não brotada de motivos. Uma sensação que nascia sem que eu pudesse conhecer suas causas. Era como se uma realidade imaterial se hospedasse em meu corpo, criando um estado de harmonia, que assim como vinha também partia. A breve passagem sempre funcionou como um indicativo de que estava no caminho certo.

Compreendo a felicidade dessa forma. Viver confortável em mim mesmo, e vez ou outra receber a confirmação que me vem pelas sensações. Reconheço minha felicidade escondida em coisas miúdas. São pequenas interferências que quebram o cotidiano e sua continuidade. Por um instante, a vida parece parar. O coração descobre um novo jeito de enxergar o sempre visto, o mundo que nunca muda, e nele encontra um motivo para sorrir, ainda que a vida ande escassa de alegrias. Custa a gente aprender, mas nem sempre a felicidade estará de braços dados com a alegria. A alegria sobrevive de motivos externos. Felicidade não. É mais profunda. Não depende das alegrias para que seja real. É possível ser feliz mesmo quando não estejamos alegres. Em muitos momentos árdus da vida eu permanecia feliz. Por quê? Eu tinha certeza de que estava no lugar certo, fazendo a coisa certa. A realização humana, raiz de toda felicidade, consiste em saber-se a pessoa certa no contexto das escolhas feitas. Encontrar conforto, ainda que a vida esteja pesada, porque sabemos que estamos onde verdadeiramente deveríamos estar. É o sacrifício salutar. Reconhecer que, mesmo na ausência de alegrias, a felicidade permanece motivando a luta.

Quanto ao jardim, ainda penso que você poderia considerar melhor minha sugestão. Mais uma vez você demonstra dificuldade em compreender as coisas simples. Eu não sugeri que você construísse um jardim a partir das regras da Jardinagem, meu caro Alfredo. Eu sugeri que você construísse o seu jardim. Só isso. Não lhe sugeri a construção de um jardim modelo. Sugeri um jardim que fosse fruto do seu empenho, ainda que contrariasse todas as regras da boa Jardinagem. O mais importante na minha sugestão é o empenho na construção, e não o resultado.

Cuidado para não pensar e agir como a maioria das pessoas. Cuidado para você não se ocupar demais com a busca de resultados. Nem sempre o produto final é o mais importante. Por vezes a riqueza se esconde é no processo das descobertas. O resultado é quase nada perto das oportunidades que o processo nos entrega.

O dito popular parece ter razão. "O melhor da festa é esperar por ela." Há muita sabedoria nessa premissa. O tempo que nos separa das realizações está prenhe de encantamentos. É só descobrir.

Alfredo, quando a gente descobre que o processo do ir é tão importante quanto o processo do chegar, a gente diminui a possibilidade da frustração final. Quem vive para os resultados corre um risco muito alto de se frustrar. Mas se a gente vive cada passo do processo como parte de um desejo que se prolonga, de um desejo que se desdobra, então fica mais fácil driblar e evitar a frustração final. A viagem já valeu, mesmo que o destino final não tenha sido como nós esperávamos que fosse.

Este é um erro recorrente entre nós. A gente insiste em viver para os resultados. Com isso, não percebemos a graça escondida nos preparos. Queremos a meta final, e cegamente nos encaminhamos para ela. Mas, na pressa de chegar, deixamos de olhar para os lados, e com isso não percebemos que o caminho é belo, e que há matizes interessantes a serem observados.

Alfredo, tenho aprendido que preparar a felicidade já é um jeito de ser feliz. Durante a reforma desta casa onde agora vivo, aprendi muito com minha esposa. A iniciativa do restauro foi dela. Eu estava ansioso para ver tudo terminado. Facilmente perdia a paciência. Não estava lidando bem com o período das demoras que são naturais numa obra. Certa vez, num momento de profunda irritação, enquanto eu esbravejava implorando por pressa, ela me tomou pelo braço, afastou-me até a cozinha e sorrindo me disse que, se eu não aprendesse a saborear as esperas, aquela reforma iria me matar infartado. Ela tinha razão. Diferente de mim, minha esposa vivia a reforma de maneira prazerosa. Ela encontrou sentido em ver e acompanhar o processo do restauro que as paredes careciam. O que para mim era tortura para ela era prazer.

Depois eu modifiquei o meu olhar sobre a obra. A casa abrigava lembranças preciosas da minha infância. Ver o seu restauro era como reacender dentro de mim a vida que estava adormecida. Minha esposa me fez ver a mística que pode nos desacelerar o passo, sem que isso pareça prejuízo.

Na Faculdade eu observava em meus alunos as mesmas ansiedades que existiam em mim no tempo em que eu era aluno. A preocupação maior era a prova final. Queriam saber como seriam avaliados. Eu insistia que o ato de aprender é bem mais importante que o ato de demonstrar o que aprendeu.

O resultado de uma prova pode dizer muito pouco sobre o verdadeiro conhecimento do aluno. Mas não era um aprendizado fácil. A ansiedade pelo resultado final cegava muitos, impedindo-os de alcançar um crescimento efetivo com o que era ensinado.

Por isso eu lhe recomendo, meu novo amigo. Esqueça um pouco o que você já sabe sobre os jardins. Porque o que você sabe sobre os jardins é que você nada sabe sobre eles. Esqueça que não sabe. Conhece aquela história do menino que conseguiu resgatar o amigo que pesava duas vezes mais que ele no momento em que o amigo afundava numa lagoa? Como ele conseguiu? Não havia ninguém ao lado para dizer que ele não seria capaz.

Portanto, nada de antecipar-se como incapaz. O jardim é um lugar vivo, dinâmico.

Por isso os erros farão parte do processo. Mas junto dos erros virá o aprendizado.

Comece, mas sem medo. Aproxime-se da terra e deixe que ela lhe sugira uma ação inicial. Olhe para as sementes e experimente cada uma delas. Construa o seu jardim aos poucos. Descubra a lógica, por você mesmo. O processo de feitura será tão belo que talvez chegue a superar a beleza final. Ou se quiser pensar diferente, e chegar ao mesmo ponto, é só pensar que a beleza final só é possível quando vista a partir da beleza que há no processo que a tornou concreta.

Meu caro Alfredo, por que insiste tanto em querer a finalidade de tudo? Não sofra tanto de juventude! Cuidado para não transformar sua inteligência num instrumento de medidas. Nem tudo na vida precisa ser meticulosamente calculado. Você está sendo injusto consigo mesmo. Tudo você quer mensurar, dissecar, ter certezas. Ó meu jovem, quanto encanto está escondido na dúvida, no meio do caminho, no incerto.

Ontem mesmo fiz uma reflexão interessante. Quis entender a razão de minhas avencas não sobreviverem dentro do meu escritório. Na sala elas crescem, mas no meu escritório elas morrem. Estranho isso. O ambiente é semelhante. O mesmo tanto de luz, as mesmas aberturas de janelas, mas os resultados não são os mesmos.

Não sei o que se passa. Minhas avencas e suas razões secretas. Quis entender, mas diante do mistério resolvi me calar. Melhor é respeitar as preferências que elas têm. Preferem a sala ao escritório. Pronto. Eu sou diferente delas. Eu já prefiro o escritório. Quando não estou no jardim, gosto de ficar próximo dos meus livros, de minhas anotações tão cheias de equívocos e belezas veladas. Coisas que escrevi, e que nem eu mesmo já sei entender. Nasceram da crença e não do entendimento.

Há coisas em que só sei acreditar, mas ainda não sei entender. Eu olho para as avencas da sala e não entendo sua preferência por ficarem ali. Então, só me resta acreditar neste motivo abscondito, sem a necessidade de interpretá-lo.

Fico pensando que pessoas são como avencas. Morrem se estiverem no lugar errado. Cada uma tem o seu local de identificação, e isso deve ser respeitado. Infelicidade talvez seja isso, meu caro Alfredo: ficar no lugar errado e sentir que o erro está nos matando aos poucos. Já vi pessoas certas nos lugares errados. A inadequação é uma forma de morrer antes do tempo. Já observou que há pessoas que se acabam antes mesmo de morrerem?

Fiquei sabendo que na China há um rio chamado Amarelo. Ele é diferente de todos os outros rios que há no mundo, por uma razão muito simples. Ele acaba antes de morrer. Já me explico, pois sei que sua inteligência já está incomodada com esse jogo de palavras, e certamente já se pergunta "Acabar e morrer não são a mesma coisa?". Creio que não. Aqui, neste caso, morrer é mais que acabar.

Ao dizer que o destino de todo rio é morrer no mar, isso nos sugere que haverá uma transformação. O que temos é a possibilidade de continuidade. O rio, ao morrer no mar, no mar se transforma. Ganhou da vida uma nova maneira de

continuar.

Ao se misturar em outras águas, ele entra numa nova perspectiva, avança, transforma-se, torna-se mais. Mas quando digo que o rio acaba, isso nos sugere que ele não alcançou o lugar da transformação. Ele acabou antes de morrer. Acabar é uma forma de ficar pelo caminho, pela metade, sem nenhuma possibilidade de continuidade. O rio Amarelo acaba porque não tem forças para ir além. Não tem águas suficientes para que se encaminhe ao seu destino. A morte, dom que o transformaria em mar, nunca é alcançada por ele.

Como isso é triste, meu caro Alfredo. Não há remanso suficiente para conduzi-lo ao seu mistério final. Faltam-lhe afluentes, águas fraternas que lhe emprestem corpo para chegar. Por isso ele acaba antes de morrer.

Alfredo, meu caro Alfredo, permita-me uma única pergunta, antes de despedir-me por hoje.

Qual é o ensinamento que minhas avencas e este desconhecido rio Amarelo da China poderiam deixar-lhe nesta tarde fria de inverno?

Ó meu querido companheiro, não tenha pressa em responder a essas questões! Não se submeta ao fatídico destino do rio. Não permita que estas palavrinhas bobas acabem antes que elas possam morrer em você.

Com ternura e amizade,

Abner

Todo silêncio fecundo
já tem sabor de palavra.



Meu caro Abner,

Instigante a sua carta. Ainda continuo pensando na inutilidade de dispensar meu tempo na construção de um jardim, mas prometo não enterrar este conselho. Preciso confessar-lhe que nossa correspondência tem sido o único fator que me provoca esperança. Leio e releio seus escritos. Levo horas e horas debruçado sobre suas palavras e, mesmo que com elas eu não concorde, tenho permitido que elas passem dentro de mim. Você tem diminuído a minha solidão.

Não é fácil sofrer sozinho. Não tenho ninguém com quem partilhar minhas angústias. Clara ainda continua visitando-me nos sonhos. Chega apressadamente e da mesma forma se vai. Eu fico. Não sei aonde ir, não tenho aonde chegar. A dor tem o poder de neutralizar iniciativas. Estou apático, incapacitado de procurar sonhos que possam me fazer recomeçar. Às vezes eu penso que poderia ser interessante ir visitar uns familiares que tenho na capital. Respirar outros ares poderia me fazer bem. Mas até para a viagem eu estou indisposto. Gostaria de descobrir um jeito de chegar, mas sem ter de ir.

Sua pergunta final é quase um desacato. Sinto-me tal qual o rio Amarelo. A diferença é que não sou chinês. Tenho os olhos abertos, bem abertos, mas não tenho enxergado muita coisa.

Como você bem disse, o destino triste do rio é não ter afluentes. É a única razão para que não chegue ao destino final. Um rio só chega ao mar depois de ter recebido outros rios pelo caminho. É a mixórdia do percurso, quando na solidariedade de encontros o rio vai se agigantando, deixando de ser só, tornando-se outro. A analogia me fez bem.

Eu não poderia deixar de confessar. Sua carta me fez pensar e concluir que não tenho amigos. Nem úteis, nem inúteis. Sei que você ainda espera pela resposta que não lhe dei. Aquela pergunta me assusta. Tenho medo de concluir que não sei estender o amor para além do tempo das utilidades.

Uma coisa é certa. Não tenho muita tolerância com as pessoas que me são próximas. São comuns, e não têm outros assuntos senão as urgências de seus cotidianos tão cheios de rotina. Quero mais que isso.

Meu caro mestre, a vida anda difícil nestas paragens. Meu coração inquieto anda apanhando mais que batendo. Tudo isso me leva a concluir que Sartre tinha razão ao dizer que a vida é uma paixão inútil. O tempo tem sido para mim uma experiência torturante. Existe uma morosidade em tudo o que me rodeia. O meu desejo é que uma noite profunda se debruçasse hoje, sobre minha vida, e que eu só acordasse dez anos mais tarde. O sofrimento transforma o tempo. Eu o sinto estagnado, como se o relógio estivesse em descompasso, trabalhando ao contrário. Estranho. A alegria apressa as horas. O sofrimento paralisa.

Você que tanto conhece a respeito do tempo, pode a vida nos envelhecer mais

que o espaço demarcado na cronologia do calendário? Responda-me, mestre, ou cale-se para envelhecer duvidando, da mesma forma que eu duvido agora.

Com carinho,

Alfredo

Meu amigo,

Nossos encontros estão cada vez mais interessantes. Aos poucos você vai abandonando o velho posto do estudante admirador. Vejo isso na audácia de suas palavras. Não gosto de bajuladores. Prefiro as pessoas atrevidas. Mas há sempre um risco. A razão é simples. O atrevimento pode nos tornar adeptos da ignorância ou da sabedoria.

Espero que não se ofenda com essa minha ponta de ironia, mas seu discurso é raso como as raízes das margaridas, e mesmo assim é belo. Mas no raso de sua fala há uma raiz profunda, um broto teimoso que insiste em alcançar os destinos mais profundos do chão da vida.

Já estou certo de que você tem um filósofo desencantado abrigado no âmago de sua mente. Ele é arrogante porque tem consciência de ser limitado. A arrogância é um recurso dos ignorantes. Quanto menos sabe, maior é o desejo de agredir aquele que atenta contra o que ele não sabe, mas julga saber. Mas na mesma casa onde se abriga o filósofo está também o poeta. E que grande poeta mora em você! Sorte a sua! A salvação do filósofo depende da sobrevivência do poeta. É ele que pode oferecer o equilíbrio de que você tanto necessita. O filósofo que há em você insiste em viver de análises infecundas. Já o poeta, este muito em breve aceitará plantar flores. Se o poeta prevalecer, é certo que o filósofo arrogante dará lugar ao filósofo sábio, perspicaz, astuto, equilibrado.

Alfredo, ando pensando que o discurso da falta ainda é a sua melhor tradução. A prevalência do filósofo sobre o poeta gerou um grande prejuízo à sua alma. Você não tem quase nada nessa vida, senão os sonhos para o futuro. Mas e o presente? Como fazer se os sonhos futuros não oferecem realização no agora da existência? Você tem experimentado a carência nas suas radicais formas e expressões. Confessa não ter amigos. Não me assusto com isso. Eu já previa ser assim. Também confessa não ter disposição para cultivar os vínculos familiares. Você considera que pessoas comuns não tenham muito que lhe oferecer. Mas Alfredo, o que você espera das pessoas? Um lugar para exercer sua vaidade? O que você realmente deseja encontrar no mundo em que está situado?

Não tenha pressa em responder, meu jovem amigo. Essas perguntas merecem calma. As respostas que delas podem nascer são importantes para sua qualificação humana.

Desculpe-me se estou sendo invasivo, mas acho que você tem desperdiçado o seu tempo com egoísmos. Pelo que percebo, você vive numa eterna contemplação narcísica, olhando insistentemente para o lago que lhe reflete. Com isso, perde a oportunidade de conhecer melhor o mundo que está ao seu redor, e até se priva de reconhecer os limites que lhe são próprios.

A imagem que o lago nos mostra não é real, meu caro. Ou porque nos torna

melhores, ou porque nos torna piores do que somos. Ambas são nocivas, pois nos retiram do centro de nossa verdade fundamental. O lago é o lugar onde dilatamos as impressões que temos de nós mesmos. Cuidado. Essa visão pode lhe causar prejuízos.

Alfredo, meu pequeno Alfredo, como eu gostaria de conhecer essas pessoas que você despreza. Não sei, posso estar errado, mas eu intuo que são elas que possuem a chave deste cofre tão lacrado que é o seu coração. Querendo ou não, elas são as suas raízes. A elas você está ligado, são o seu alicerce humano. Portanto, não perca tempo. Elas podem lhe oferecer o que você tanto carece. Cotidiano rotineiro? Em qualquer lugar do mundo a vida é rotina, meu querido. A rotina só muda de endereço. Não tenha medo de ser simples. Não pense que uma boa conversa é só aquela que nos faz avançar no conhecimento racional. E que o avanço para o conhecimento racional só é possível a partir de livros, apostilas e conversas elaboradas.

Pessoas simples e sem muita instrução são tesouros de um conhecimento prático que os livros não nos ensinam. São portadoras de sentimentos e experiências muito preciosas. Pessoas são como livros, Alfredo. Precisam ser lidas. Não pare nas capas. Há muita riqueza escondida em capas não atraentes.

Fico me perguntando. Por que você procura tão longe aquilo que parece estar colado à sola do seu calcanhar? Olhe para estes que você considera inaptos para ser seus amigos! Saia do seu mundo. Volte a conversar com seus irmãos, com seus vizinhos. Gente que lhe viu crescer. Quem sabe assim você possa diminuir sua solidão. Resgarde o filósofo e dê liberdade ao poeta. No encontro com estas pessoas simples, o filósofo talvez não se interesse, mas o poeta, este sim terá interesse. A matéria-prima da poesia é a vida, Alfredo. A vida simples, rotineira, cotidiana.

Desamarre as suas fardas. Não faça guerra o tempo todo. Há momentos da vida que merecem simplicidade. Quem sabe assim você possa descobrir, quando menos imaginar, quando menos tentar compreender, que a amizade é um recurso que nos ajuda a suportar os nossos fardos.

Alfredo, perdoe-me, mas preciso lhe dizer. Você é semelhante ao rio Amarelo. Sofre do mesmo mal: não têm afluentes. Você acaba antes de chegar ao mar. Sem amigos não podemos ir muito longe. Há momentos em que nossas águas não são suficientes para irmos adiante. Precisamos de outras mais caudalosas. É aí que nos tornamos mais simples, menos complicados. No momento em que careço, sou mais verdadeiro. Deixo cair as armas, desamarro as fardas, porque todo soldado, por mais corajoso que seja ou possa parecer, sempre terá o direito de chorar e de dizer que sente medo.

A quem você tem chorado a sua dor? A quem você tem confessado os seus medos? A ninguém. Contou por alto ao seu professor o acontecido, e agora me escreve cartas para falar sobre o que lhe aflige. Isso é pouco, Alfredo. Você precisa

retirar as armaduras. Chore. E que o seu choro não lhe envergonhe, meu amigo. Mas não chore sozinho. Ainda que você ache que o outro não terá inteligência para compreender suas razões, busque por ele. Chore sem explicar. O choro já é uma palavra cheia de significados. O choro dispensa as palavras. Há certos momentos em que um colo aconchegante vale mais que mil frases inteligentes. O sofrimento é o acontecimento humano que nos coloca todos numa mesma plataforma. Quando sofremos e choramos somos todos iguais. Sábios e ignorantes, mestres e aprendizes, somos iguais.

Chore no colo de sua mãe. Colo de mãe é sempre seguro. Desaprenda de ser gente grande, ainda que por uns instantes. Volte a ser pequeno, Alfredo. Não continue insistindo neste orgulho. Você está alimentando sua solidão a pão de ló. Trata-a com requinte porque é vítima de sua própria maldade. Clara tem razão de ter ido embora. Deve ser insuportável ficar ao lado de quem não precisa de ninguém.

Alfredo, o bom da vida é a partilha das pequenas coisas. Aprendi isso na minha casa, com minha família que foi o maior e melhor de todos os livros que já li. Foi lá que eu aprendi a dividir o que tenho e o que sou. Foi lá que eu aprendi a ser forte, mas também a ser frágil. A grande responsável por isso foi minha mãe, uma mulher fabulosa que me ensinou muito mais que todos os doutores que passaram pela minha vida.

Minha mãe nunca precisou de ajuda para descer a escadaria da entrada de nossa casa. Sempre foi uma mulher forte e desenvolta. No entanto eu nunca a vi recusar o braço de meu pai, que solícito e cavalheiro demonstrava o seu amor naquele gesto de cordialidade.

Aprendi com eles que o amor é assim. Mesmo quando não precisamos do outro, nós o permitimos chegar. E se por acaso, em algum momento da vida, a gente realmente venha a necessitar daquele amparo, não será tão difícil solicitá-lo.

O amor de que Clara necessitava era simples, meu caro Alfredo. Um chocolate quente em tardes frias, uma conversa ao pé da escada, uma confissão sincera de um sentimento puro, gratuito e que não tem nome. Um carinho sem palavras, uma flor sem motivos.

Mas infelizmente você quis explicar o mundo a Clara através dos livros. Que pena! Você desconsiderou que o elemento mais bonito da vida é o mistério. É ele que alimenta os verdadeiros amores. Você achou que Clara fosse um cadáver passível de ser dissecado. Quis investigar a sua alma tal qual o filósofo investiga uma questão filosófica. Quis mensurar tudo como se a pobre menina fosse um problema matemático.

Alfredo, Alfredo, nenhuma mulher gostaria de ser tratada dessa forma. O que faz a paixão prevalecer é a preservação do mistério. Conhecer alguém é antes de tudo respeitar o sacrário que deverá ser inviolável durante toda a vida. Este respeito é que poderá fazer com que o amor seja eterno. Ele é que trará a eterna sensação

de novidade. Os amantes se movem assim. Olham, mas não veem tudo. Precisam imaginar. E, enquanto imaginam, experimentam a aventura de amar sem saber o que amam.

Quase uma atitude insana, não lhe parece? Eu sei que sim. Ouso ainda dizer que o que lhe faz sofrer é o fato de não ter tido tempo de dissecar tudo o que queria em Clara. Ela escapou de sua navalha afiada quando você menos esperava. Fugiu do seu controle, rompeu as estruturas do cativeiro. Sentiu que você perderia o seu encanto por ela, porque ela deveria intuir que ninguém ama cadáveres dissecados, sem mistério. Por isso ela fugiu. Eu também fugiria. E você?

Só mais uma coisa eu lhe peço. Não seja tão exigente com aqueles que poderão ser seus amigos. Não é necessário ter cursado faculdade para entender de dores. Basta ter sensibilidade humana.

Argus está aqui do meu lado. Dorme como se fosse uma criança mimada. Não é humano, mas parece entender de dores também. Sempre que estou triste, eu o percebo mais próximo. São os mistérios da amizade. Eu tenho muitos amigos, mas neste momento quem me acompanha é ele. Tenho um cão amigo. Mas nem isso você tem. Que pena!

Fico por aqui. Termino com mais uma pergunta. Já pensou em abrir uma funerária?

Carinhosamente,

Abner

A amizade é um encontro
de almas que se reverenciam.



Meu caro Abner,

Você e suas finalizações irônicas. Não, não penso em abrir uma casa funerária. Também não sei lidar com os mortos. Teria de declarar falência em pouco tempo. Engraçadinho. Agora decida. A funerária ou o jardim? Ou quem sabe os dois. São atividades complementares, presumo.

Hoje estou abatido pelo cansaço. Corri algumas léguas com o desejo de recuperar a antiga disposição. Sua carta me fez rir e chorar. Não chorei acompanhado. Ainda não sei viver essa simplicidade. Existe pílula para essa virtude? Se houver, remeta-me uma quantia generosa.

Confesso que não sinto vontade de contestar nada do que você disse. Isso não significa que eu não tenha argumentos para uma boa e acirrada oposição às suas ideias. Tenho-os, mas o cansaço do corpo me impele a escrever coisas mais leves.

Preciso lhe contar algumas iniciativas. Hoje eu pude fazer um trajeto interessante. Corri da minha casa até o ponto alto da montanha que ladeia nossa cidade. Lá eu observei que há uma espécie de flor que já desafia as últimas rajadas de vento frio.

Pode parecer estranho, mas eu percebi que eram flores que pareciam se exhibir, como se não fossem capazes de controlar a vaidade, entende? Fiquei rindo sozinho. Ali, naquele lugar onde o inverno ainda é ameaçador, as flores se aventuravam num risco existencial cheio de prepotência.

É absurdo, mas confesso que pensei uma barbaridade que agora ousou lhe perguntar. Podemos falar de personalidade vegetal? Há flores vaidosas, outras orgulhosas, e algumas que são humildes? Será que no meio de tanta diversidade podemos encontrar flores que se comportem como nós?

Ó meu caro Abner, quem sabe você pode me retirar deste impasse tão pueril.

Florido de curiosidade, despeço-me.

Alfredo

Alfredo, florido Alfredo,

A primavera está chegando em sua vida. Fico feliz por ter se ocupado das flores, ainda que seja para uma questão que considera pueril. Também me alegro por você ter posto o corpo para se exercitar. Uma boa atividade física repercute nos desempenhos da alma. Creio na integralidade da saúde. Corpo e mente precisam de cuidados diários.

Quanto à questão que você me ofereceu, adianto-me em lhe dizer que ela é interessantíssima. A natureza é cheia de regras. Há um estatuto que rege cada espécie. É interessante compreender esses estatutos como um fator que parece imprimir uma espécie de personalidade às plantas. Sei que estou dizendo um absurdo. Personalidade das plantas é estranhíssimo, mas não encontrei outro termo.

Vamos aos exemplos práticos. Olhe para os girassóis. Eles são submissos. Mas não há sofrimento nesta submissão. A sabedoria vegetal os conduz a uma forma de seguimento surpreendente. Fidelidade incondicional que os determina no mundo, mas sem escravizá-los.

A lógica é simples. Não há conflito naquele que está no lugar certo, fazendo o que deveria. É regra da vida que não passa pela força do argumento, tampouco pelo aprendizado dos livros. É força natural que conduz o caule, ordenando e determinando que a flor realize o giro, toda vez que mudar a direção do Regente.

Estão mergulhados numa forma de saber milenar, regra que a criação fez questão de deixar na memória da espécie. Eles não podem sobreviver sem a força que os ilumina. Por isso, estão entregues aos intermitentes e místicos movimentos de procura. Eles giram e querem o Sol.

Agora vamos falar de vaidade. É claro que as flores são vaidosas. Elas parecem conhecer o poder estético de seus revestimentos. Creio na vaidade das flores, sim. Creio na inteligência vegetal que faz cada espécie ser como é. É um mundo fantástico a que não temos acesso. Por isso nossa linguagem é tão limitada. Dizer que sou consciente de meus limites e possibilidades é uma linguagem que posso aplicar tranquilamente. Sou humano. Sou capacitado de consciência. Mas não posso falar de consciência para me referir a um vegetal.

Mas, quando contemplo as margaridas floridas e tão cheias de viço, percebo que estão felizes por serem o que são. É nessa hora que eu me esqueço dos postulados da razão e de tudo o que a epistemologia me ensina sobre o mundo, para me aventurar nesta irresponsável forma de dizer. E então, sem medo de ser recriminado, digo: as margaridas são conscientes de que estão belas.

Mas fique tranquilo, eu não pretendo abrir um consultório para diagnosticar e medicar o conflito entre bromélias e margaridas. Já imaginou uma flor indo ao consultório tratar a vaidade excessiva? Minha loucura não chega a tanto.

Não pretendo abrir uma clínica psiquiátrica para o tratamento dos desequilíbrios e desajustes da vegetação. Não estou disposto a receber em meu consultório um girassol conflitado porque o Sol não reconhece o seu amor devotado. Seria demais para mim.

Prefiro observar os jardins e favorecer o que cada espécie necessita para chegar a ser o que pode ser. O bom jardineiro é aquele que respeita o estatuto da planta. Um exemplo simples. Eu não planto gérberas à sombra, pois sei que carecem de muita luz solar. Plantadas no lugar certo, elas florescerão com alegria.

Esta regra também vale para nós, humanos. Há sempre um lugar certo em que precisamos estar. O florescimento da vida humana depende do respeito ao estatuto que temos dentro de nós.

Volto aos girassóis. A partir deles eu me ponho a pensar no meu destino de ser humano. Penso no quanto eu também sou necessitado de me voltar para uma força regente, absoluta, determinante.

Levei tempo para ter coragem de dizer o que agora lhe direi. Eu preciso de Deus. Se para Ele não me volto, corro o risco de me desprender de minha possibilidade de ser feliz. É Nele que meu sentido está todo contido. Ele é guardião de todas as minhas possibilidades ontológicas. Tudo o que eu ainda posso ser, Nele está escondido. Descubro maravilhado. Mas no finito que me envolve, posso descobrir o desafio de antecipar no tempo, o que Nele já está realizado.

Então intuo. Deus me dá aos poucos, em partes, dia a dia, em fragmentos. Eu Dele me recebo, assim como o girassol se recebe do Sol, porque não pode sobreviver sem sua luz. A flor condensa, ainda que de forma limitada, porque é criatura, o todo de sua natureza que o sol potencializa. O mesmo é comigo. O mesmo é com você. Deus é nosso sol, e nós não poderíamos chegar a ser quem somos, em essência, se Nele não pusermos a direção dos nossos olhos.

Cada vez que o nosso olhar se desvia de sua regência, incorremos no risco de fazer ser o nosso Sol o que na verdade não passa de luz artificial. Substituição desastrosa que chamamos de idolatria. Uma força finita colocada no lugar de Deus.

A vida é o lugar da Revelação divina. É na força da história que descobrimos os rastros do Sagrado. Não há nenhum problema em descobrir nas realidades humanas algumas escadarias que possam nos ajudar a chegar ao céu. Mas não podemos pensar que a escadaria é o lugar definitivo de nossa busca. Parar os nossos olhos no humano que nos fala sobre Deus é o mesmo que nos privar do direito à transcendência.

Tudo o que é humano é frágil, temporário, limitado. Não é ele que pode nos salvar. Ele é apenas um condutor. É depois dele que podemos encontrar o que verdadeiramente importa. Ele, o fundamento de tudo o que nos faz ser o que somos. Ele, o Criador e pai de toda a realidade criada.

Alfredo, nós somos como os girassóis. Estamos todos num mesmo campo. Há em cada um de nós uma essência que nos orienta para o verdadeiro lugar a que

precisamos chegar, mas nem sempre realizamos o movimento da procura pela luz.

Por isso é tão importante que sejamos afeitos a este movimento místico, natural. Não podemos prender os olhos no oposto de sua presença. Não podemos querer o engano dos artifícios que insistem em distrair a nossa percepção. Não podemos substituir o essencial pelo accidental, afinal, é a nossa realização que está em jogo.

Girassol só pode ser feliz se para o Sol estiver orientado. É por isso que eles não perdem tempo com as sombras. Eles já sabem, mas nós precisamos aprender.

Meu querido filho, não tenha medo deste aprendizado. Disponha o seu coração para a busca deste Sol. Tenho certeza de que você tem uma indisposição para esta forma de discurso. Pelo que percebo, você pertence a essa classe intelectual que resolveu retirar Deus da história. Compreende que crer em Deus não é razoável. Que a fé é um argumento de segunda grandeza. Eu também já integrei este grupo, mas hoje não penso mais assim.

A crença no Sagrado exige muita grandeza humana. Crer em Deus é muito mais sofisticado que não crer. A crença em Deus requer sensibilidade, ao passo que o ateísmo não exige muito esforço.

Mas não quero me estender, nem ficar lhe desagradando demais. Volto a dizer que fiquei satisfeito em saber que você se exercitou para cansar o corpo. Num corpo cansado, a sensibilidade tem mais chances. Já observou isso?

Antes que eu me esqueça. Trouxe mudas das montanhas? Se não trouxe, volte para buscar. Mas só leve o poeta. Deixe o filósofo descansando em casa. Quando começará o preparo do solo? Quando ficará pronto o seu jardim? O retorno de Clara depende deste plantio.

Florido de esperanças, despeço-me.

Com carinho,

Abner

P.S.: Há uma planta que parece possuir a mesma personalidade que você. Comigo-ninguém-pode. Conhece?

A mais nociva solidão é a que
nos ausenta de nós mesmos.



Caro Abner,

Tudo bem, eu estou vencido. Decidi que comigo poderá você. Estou disposto a dar uma carta branca ao poeta que você diz estar amoitado em mim. Quem sabe assim o filósofo reencontre o equilíbrio perdido?

Fiz o que você sugeriu. Retornei ao lugar das flores vaidosas. Elas eram muito mais. Decerto se reproduziram numa orgia vegetal. O vento era menos frio. Juntas pareciam um exército de Napoleão, pronto para a batalha. Vaidosas como o rei a quem servem.

Demorei ali por um tempo que não sei medir ao certo. Acho que fiz a experiência do tempo que parece não ser tempo. O tempo quando não é tempo já é eternidade. Há algumas coisas que nos antecipam isso, não é mesmo, meu caro mestre?

Olhei aquelas flores e fiquei me lembrando de suas palavras, aquelas que doeram mais que o comum e que diziam que Clara foi embora porque eu não soube viver a contemplação do amor. Eu preferi a dissecação calculada. Acho que você tem razão.

Eu olhei as flores em silêncio. Não precisei de perguntas. A beleza me bastou. Naquele momento, eu me recordei da história dos girassóis, mas ainda não me sinto preparado para falar sobre Deus. Aliás, eu nunca imaginei que você fosse um homem de fé.

Tentei pensar sobre o assunto, mas a beleza me distraiu. Por um instante, ainda que por um instante, eu me esqueci de que sou inteligente, que penso, que calculo e que gosto de estabelecer gráficos para demonstrar a verdade de minhas intuições. Não tive argumentos para dizer se cria ou não em alguma realidade absoluta. Eu estava totalmente afetado pela beleza daquele lugar.

O belo tem o poder de nos calar. Eu não sabia disso. Foi um acontecimento redentor. Acho que estou esquisito depois daquela subida na montanha.

Ando sentindo um desejo de ter aquela expressão da beleza por perto. Se eu pudesse, transplantaria aquela parte do mundo para o quintal de minha casa. Será que estou querendo plantar flores? Não sei. O que sei é que hoje, neste intervalo entre dia e noite, o meu coração sentiu vontade de rever Clara, ainda que fosse pela última vez. Olhar da mesma forma que olhei para as flores da montanha. Em silêncio. Sem livros, sem palavras, sem argumentos. Olhar com demora. Só para intuir o mistério que nela reside. Olhar só para não esquecer o azul daqueles olhos. Olhar para decorar o contorno daquele rosto, para depois eu conviver melhor com essa ausência tão dolorosa. Hoje eu descobri que não decorei o rosto de Clara. Acho que olhei pouco para ela, e por isso não consigo me recordar bem dos seus traços.

Andei observando que a frente de minha casa é bastante ampla e bonita. A terra

é boa. Meu pai ficou muito surpreso quando lhe falei das intenções de plantar um jardim. Disse que posso plantá-lo quando eu quiser e que poderia me ajudar, caso eu necessitasse de alguma coisa.

Confesso que ainda tenho medo, mas o que é o medo diante do desejo de ter a beleza ao alcance dos meus olhos?

Desejoso, despeço-me.

Alfredo

Meu caro amigo,

Há tanto brilho em meus olhos que nem preciso da luz de meu velho abajur, que de tanto passar noites e noites aceso parece cansado.

Felicidade nos faz enxergar, mesmo no escuro. O que agora vejo é o primeiro passo do retorno de Clara em direção à sua casa. Suas notícias me trouxeram boas intuições.

Quanto à sua indisposição para pensar em Deus, não se preocupe. No momento em que você se percebeu calado, totalmente absorvido pela beleza daquele lugar, era no colo de Deus que você estava. Não há necessidade de querer saber alguma coisa sobre o criador se Nele estamos encontrados.

Mas vamos ao que interessa. O seu jardim espera por você. É a hora de criar o seu espaço de encontro consigo mesmo. Demarque o território, desenhe os espaços no chão, sonhe o seu jardim. Projete-o sem pressa. Imagine as cores que pretende reunir, as espécies e os perfumes que querará sentir. Jardim é tudo isso. É explosão de cores e odores. Prepare as sementes e estude os cuidados que deverão ser tomados. Ocupe-se com a leitura que o ajudará a compreender os cuidados específicos de cada espécie.

Nunca se esqueça de que o que é bom para um tipo de flor pode representar a morte para o outro. Pessoas também são assim. Aprendendo a lidar com as flores, você ficará muito mais aguçado e perspicaz na relação com os humanos.

Como estou feliz por você, meu caro Alfredo. A Filosofia finalmente acontecerá em você. Deixará de ser mera expressão teórica para se entrelaçar na existência concreta. Só assim você será capaz de compreender o verdadeiro sentido da Filosofia, que é aliviar a existência e tornar a vida humana mais feliz.

Durante muito tempo na minha vida, eu fui como você. Vivia atrás de respostas para tudo, até o dia em que vi minha esposa ser vitimada por um câncer bastante agressivo. Não houve tempo para perguntar, nem para fazer absolutamente nada.

Era uma manhã iluminada de primavera, quando o sol ainda brilhava tímido. O brilho era só para aguçar os seres vivos que se esconderam no interior da terra, com o intuito de sobreviverem às geadas e aos ventos cortantes da última estação.

Eu não tinha onde me esconder. A vida estava ali, sem cobertor e sem esconderijo para mim. Quis fazer perguntas, mas percebi que elas não serviam para nada. A morte cortou minha língua, castrou minha coragem de perguntar qualquer coisa. Do descobrimento da enfermidade até a sua morte sofri um processo de desconstrução. Vi ruir todas as minhas antigas seguranças.

Fiquei paralisado por alguns meses, mas, motivado por um conselho amigo, resolvi reagir. Eu precisava ocupar o meu tempo, aliviar o peso da existência que estava sobre os meus ombros. Eu já estava afastado das aulas na Faculdade.

Sozinho naquela casa onde fui tão feliz ao lado de Flora, tudo parecia sem

sentido, foi então que me veio a coragem de realizar o último pedido que minha esposa me fez, antes de partir: que eu me mudasse para este lugar e que aqui plantasse o jardim que ela havia projetado. Eu não conhecia a ciência das flores. Precisei aprender. Esqueci que não sabia e iniciei o projeto. Arei a terra. Arado de pequenas proporções, feito com as mãos. Enquanto eu construía os sulcos na terra, outro movimento, de natureza diferente, cicatrizava as feridas da minha alma. Fiz a sementeira. Resguardei as sementes no calor da terra com o intuito de que passassem pelo doloroso processo de morrer. Aos poucos, vi maravilhado o despontar desconcertante das sementes ressurretas.

Ao jogar as sementes sobre a terra, sem saber que o fazia, alguma coisa também estava sendo semeada dentro de mim. Em pouco tempo, eram pequenos caules. Veio a hora do plantio. Retirei da sementeira e levei ao solo definitivo, demarcado, bordado de desenhos retos e circulares.

Cuidei de cada detalhe. Foram meses inteiros de total dedicação. O jardim tornou-se o meu projeto de vida. Para ele eu desviei toda a minha capacidade filosófica. Na lida simples de todo dia, eu fui desaprendendo de ser grande. As complexidades de antes já não me serviam mais. A morte de minha esposa arrancou-me do antigo e confortável estado de vida. O jardim foi o lugar do meu recomeço. Foi nele que eu me dispus a reencontrar um sentido para a minha existência.

O jardim e eu. Descobri que havia uma conexão possível. Ambos precisavam viver o tempo das esperas, um itinerário que resultaria num florescimento. Aceitei o desafio. Enquanto meu jardim crescia, minha dor aliviava. Por não perguntar, a angústia aquietava-se. A pergunta aguça a dor. O silêncio acalma. Não foram poucas as ocasiões em que meu choro misturou-se à terra que eu cultivava. Caí prostrado sobre os canteiros e sobre eles soluzei inúmeras vezes.

As sementes cumpriram o destino vegetal de florescerem ao seu tempo. E, miraculosamente, o mesmo se deu comigo. Ao permitir que minha perda se concretizasse sem ilusões, ao ver-me nu e solitário, ao aceitar a partida de minha esposa, a vida foi reencontrando espaços em meu coração.

Precisei aceitar a perda. E ao me reconhecer perdedor eu optei por ocupar-me da simplicidade do jardim. Deixei de lado as perguntas inférteis. Foi então que misteriosamente pude viver o processo natural do florescimento, a exemplo das espécies que no jardim eu havia plantado.

A vida é assim, meu caro Alfredo. Vez em quando a gente precisa prestar atenção na música que está sendo tocada. Entrar no ritmo da vida é uma questão de sabedoria. Se ela pede simplicidade, que então a gente atenda ao seu pedido. Só assim a gente pode superar os pesos das consequências desagradáveis que nos legam os fatos. Quero ser leve. Essa leveza eu tenho aprendido com os jardins. Por isso insisto tanto para que você plante o seu. Estou propondo uma terapia que funcionou comigo. Eu estava sofrendo do mesmo mal que você hoje sofre. Eu era

complexo demais. Hoje, não. O jardim me fez jogar fora o peso da prepotência. Hoje minha luta tem sido outra. Quero cumprir o mesmo processo dos jardins. Quero ressuscitar todo dia, assim como as sementes ressuscitam na terra. Mas ressurreição requer morte. A morte é inevitável para quem deseja florir-se no tempo certo. A simplicidade vegetal é uma forma aprimorada desse aprendizado.

A leveza é dom. Aprecio os que sabem viver no pouco, os que viajam com poucas malas e os que descobriram que, ao contrário do que pensamos, as coisas não nos deixam mais ricos, apenas mais pesados.

Infeliz é aquele que se identifica com o que tem. Aquele que não sabe diferenciar a felicidade das realidades materiais. Aquele que confunde a felicidade com a alegria.

Meu caro Alfredo, quando tive oportunidade de perder a pessoa que mais amei na vida, juntamente com a perda pude receber um aprendizado que nunca mais quero perder de vista. Nada pode ser mais rico e precioso que as pessoas que amamos.

Até mesmo as grandes riquezas só têm valor se forem desfrutadas ao lado de quem nós devotamos apreço. Não há prazer em permanecer solitário em um castelo repleto de beleza. A riqueza só tem sentido quando é para ser dividida.

Tenho certeza de que seu jardim tomará conta do seu coração. Clara ficará em segredo, por enquanto. Não permita que as lembranças que lhe infelicitem prevaleçam sobre você. Simplifique-se. Pare de fazer perguntas. Deixe-se plantar juntamente com as sementes. Morra no processo para que um novo homem possa reaparecer, e quem sabe assim, deste novo homem, Clara não queira mais fugir.

Obrigado por ter ouvido meu conselho. Mãos à obra. Um mundo novo começa a se abrir diante dos seus olhos. Só lhe peço uma coisa: seja um jardineiro fiel.

Com carinho,

Abner

A eternidade se antecipa cada vez
que do tempo nos esquecemos.



Querido Abner,

Obrigado por me conceder a graça de conhecer este território tão sagrado de sua vida. A dor narrada repercute dentro de mim, mas sobre ela muito pouco posso dizer. Sou pequeno demais perto da grandeza de sua alma. Não ousaria tentar descrever o sentimento que o relato de sua perda me provocou. A palavra não é capaz de abarcar a experiência vivida. Limito-me a recolher o sentido de sua jardinagem, a mística que lhe fez desejar a terra, as sementes, o plantio.

Hoje eu acordei mais cedo. Quis acreditar no velho ditado de que Deus ajuda a quem madruga. Antes mesmo da chegada de sua carta, eu já havia iniciado o preparo da terra. Meu pai quis ajudar, mas pedi que não o fizesse. Achei melhor não lhe confessar as razões terapêuticas da iniciativa do jardim. Deixei que ele pensasse que eu estava ficando louco. Aliás, eu também ando acreditando nisso.

Assanhado pelo desejo de vencer o tempo, hoje resolvi trabalhar até uma hora a mais do que havia projetado. Confesso que ainda me sinto inapto para a atividade, mas preendi minha atenção no aprendizado que o processo de feitura pode me proporcionar.

A terra é boa e parece descansada. Não, esta frase não é minha. É de meu pai. Apenas repeti o que ele disse. Ele havia pensado em plantar algumas palmeiras-imperiais alguns meses atrás, mas o projeto ficou só na adubação da terra.

Arei os espaços como você me sugeriu. Não foi difícil. Levei quatro dias para esta aragem. A terra estava macia e limpa. Quis as formas circulares. Desenhei na terra quatro grandes círculos. Cada um deles tem três metros de diâmetro. No meio dos grandes círculos, desenhei uma forma de losango, onde pretendo fazer o centro do jardim.

O projeto está quase pronto. Agora preciso escolher o que vou plantar naquele lugar. Confesso que já é tarde e o sono ainda não veio. Se não fosse causar tanto escândalo, eu gostaria de dedicar algumas horas da noite para alguns arremates nas formas. Eu as demarquei com pequenos retalhos de madeira e aproveitei as serragens para visualizar os formatos.

A noite é longa demais para quem não consegue dormir. Há alguns dias, eu não conseguia pensar em outra coisa que não fosse em Clara. Já estou um pouco melhor. Agora penso também no jardim. Não sei se há diferença entre estas duas realidades. Acho que sou obsessivo compulsivo.

Eu estou fazendo o jardim porque alimento o sonho de que ele me traga Clara de volta, ou então que ele a retire definitivamente de dentro de mim. Enquanto isso, eu não durmo. Eu só sonho, mas acordado.

A propósito, não acha que já posso receber o manuscrito da nova obra? Já não somos amigos?

Com carinho,

Alfredo

Meu querido jardineiro,

Sofrendo com as insônias? Lamento. Noites maldormidas são semelhantes ao inferno. Para quem não dorme, as horas não passam. Creio que o inferno também seja um lugar onde o tempo é estagnado. Mas o paraíso também não é assim? Já ouvi dizer que na ilustração escatológica do paraíso o tempo não passa. Interessante isso. A mesma concepção de felicidade eterna também se aplica à condenação definitiva: o tempo estagnado.

Mas há uma possibilidade de redenção em tudo isso. Quando sua mente começar a se ocupar ainda mais do seu jardim, eu sei que seus sofrimentos serão modificados. Amor e ódio são impulsos que nascem de uma mesma fonte, meu caro. O que lhe retira o sono é esse ódio velado, nutrido por você mesmo. Resquícios da perda, da derrota que ainda não foi digerida. Ocupar-se de um jardim vai lhe ajudar a expulsar este sentimento que tanto lhe agride.

É como retirar as ervas daninhas que crescem no meio das flores. Há sempre uma tiririca insistindo em sufocar o pequeno broto de flor. É nessa hora que o jardineiro se presta a cuidar da flor. Arranca o que quer sufocá-la. O mesmo não acontece com a gente? Vez em quando percebemos o surgimento de realidades nocivas à nossa realização. O problema é que nem sempre agimos. Deixamos crescer e quando queremos arrancá-las já não podemos. Ficaram maiores que nós.

É por isso que cada vez mais eu me convenço de que o maior inimigo que podemos ter na vida é o nosso coração. Este, quando rebelado, torna-se o opositor primeiro de nossa felicidade.

Tive um grande amigo que morreu vítima do próprio coração. No auge do amor experimentado ao lado de uma elegante dama, descobriu que ela o traía. E o pior, com seu irmão mais novo. Ao saber da história, expulsou de sua casa a dama elegante e nunca mais quis ver o irmão. Amargurou-se tanto que chegou a passar anos e anos sem sair de uma de suas propriedades. Trancafiado em seu sentimento de derrota e amargor, esqueceu-se de que poderia refazer-se, tal qual a semente se refaz depois do duro golpe da morte. A sua esposa também era minha amiga. Ficou muito arrependida e quis reconciliar-se com ele. Ele não quis. Não quis perdoar, tampouco reencontrar a paz.

Alguns anos mais tarde, eu tive oportunidade de encontrar-me com ele. Estava mais velho do que deveria. O ódio envelhece. Estava curvado, vítima de uma enfermidade que não podia ser radiografada e que os exames convencionais não detectaram.

Eu o observei por um tempo em silêncio. O seu estado de abandono era tanto que eu tive vontade de deitá-lo ao colo, tal qual o pai aconchega o filho ao perceber-lhe frágil. O respeito humano não me permitiu. Limitei-me a ouvi-lo. Ele falou de todo o acontecido sem nenhuma serenidade na fala. Ainda estava

inflamado, tal qual o corte, distante a poucas horas da lâmina.

O tempo para ele não havia passado. Ainda estava na estação em que perdeu o último trem para a vida. Insistia em permanecer ali, tal qual o assassino e o cadáver de sua vítima, prolongando a condenação que a brutalidade da cena lhe outorgara.

Eu pude concluir que os traidores ainda estão vivos dentro dele. A traição ainda não havia terminado. Ele legitimou o seu coração como seus representantes. O irmão traidor já havia cruzado a esquina há muito tempo. A esposa infiel também, mas ele insistiu que eles ficassem alojados no seu íntimo. Não os expulsou.

Cada vez que ele permitia que o ódio fosse ressentido, a cena da traição era novamente construída. O ódio tem o poder de fazer a cena dolorosa se prolongar no tempo. Ele prende o cadáver na sala e impede o sepultamento que favorece a organização do luto. Quem não sepulta seus mortos não pode iniciar o processo de restauração interior. Dessa forma, a vida se transforma em velório eterno.

Alfredo, logo depois da morte de minha esposa eu pude avaliar que o velório é um ritual que dificulta ainda mais a experiência da partida. Velar um corpo é estender o sofrimento ainda mais. Fixar aquela imagem fria e dramática na memória é um gesto agressor que só depois saberemos identificar. Gostaria de não ter visto minha esposa morta. Preferiria permanecer com a recordação do seu sorriso. Nem mesmo a dor foi capaz de retirá-lo de seus lábios. O corpo morto parece ter um peso imenso sobre as nossas lembranças. Eu prefiro me recordar da leveza que um dia fez que me apaixonasse por ela.

Eu nunca expulsei a minha mulher do meu coração, mas juntamente com o seu corpo eu precisei sepultar muitas outras coisas que não possuíam sentido sem ela. Era o único jeito que eu tinha de inaugurar um novo tempo em minha vida.

Precisei me desvencilhar de tudo o que era material e que evocava sua presença dentro da minha casa. Precisei acreditar na sua morte. Doei seus vestidos. Eu precisava aprender que o corpo que os vestia não voltaria a procurá-los. Desfiz o seu espaço; doei seus sapatos. Enfrentei a crueza da realidade e não quis fugir da dor daquela hora. Conservar a materialidade que pertencia ao morto nos faz perder tempo com o que é accidental.

A vida é assim. Nós nos transformamos no que guardamos. Quando eu era jovem fui terrivelmente traído por um colega de faculdade. Guardei as lembranças da traição durante meses. Cada vez que recordava o fato, um novo ferimento era aberto em minha alma. Foi então que percebi que alimentar a mágoa não era uma decisão inteligente. Decidi que sepultaria aquelas lembranças nocivas. Compreendi que ressentir a dor é uma injustiça que cometemos contra nós.

Meu amigo não quis fazer o mesmo. Ele não sepultou os traidores. Guardou-os com o cuidado como quem guarda uma joia rara. Permitiu que a traição polarizasse todos os seus sentimentos e, assim, sofreu a pior traição que um ser humano pode sofrer. Traiu-se. Elegeu o seu coração como o seu maior adversário. Dormiu com o

inimigo, conviveu com o inimigo e por ele foi vencido.

É, meu caro Alfredo; quem não expulsa os inimigos do coração, quem não acolhe o fracasso para com ele aprender e quem não sepulta os seus mortos corre o risco de transformar a vida numa paixão inútil e sem encanto. Ao invés de lutar a favor de si, luta contra.

As armas que usa? Os ódios e os rancores. Quando permito que o ódio me domine, é como se eu estivesse apontando uma arma contra minha cabeça. Porque quando eu prefiro o ódio, de alguma forma estou deixando de lado o amor. A fonte é sempre a mesma, volto a dizer. O coração não sabe fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Ou ele está a serviço do amor, ou ele está a serviço do ódio. É uma questão de escolha.

Espero que você volte a dormir melhor. Boas noites de sono são importantes para a construção de um homem feliz. Nunca se esqueça disso!

As formas circulares ajudarão a realçar a beleza das flores. Formas circulares sugerem afeto, sensibilidade. Formas quadradas e retas sugerem racionalidade. Jardim é lugar de afeto, de silêncio que dispensa a argumentação. Sugiro que dê preferência às flores de porte menor nos centros dos círculos. Cerque-as de pequenos arbustos que façam prevalecer a circularidade da forma e que também se prestem como guardiões fiéis. Eles impedirão que os cães venham pisar sobre as flores mais frágeis. Assim, elas ficarão mais protegidas dos que não sabem amar os jardins.

Quanto ao manuscrito, creio que não seja momento para enviá-lo. Você está ocupado com outras prioridades. O tempo de tê-lo em mãos há de chegar. Quanto à sua pergunta final, não me esquivo em responder. É claro que somos amigos. Intuo que sejamos grandes amigos. Nunca serão esquecidos os amigos com quem partilhamos as nossas verdades. É só o que temos feito em nossa correspondência. Mas preciso confessar-lhe um fato. Já tenho tanto apreço por você que o considero mais que um amigo, um filho.

Termino dizendo que estou orgulhoso de você. Que suas flores lhe despertem para o esquecimento de suas mágoas. Não resguarde os seus inimigos. Permita que somente coisas boas permaneçam em você.

Na continuidade da cura, despeço-me.

Com carinho,

Abner

A sabedoria carece de dor para crescer.



Abner,

Instigante o seu jeito de interpretar o ódio. Vê-lo como arma apontada para minha cabeça foi uma forma de identificar o meu suicídio lento e constante. Você tem razão. O ódio mata só a quem o sente. Ele vem no silêncio da noite e também no barulho da tarde.

Chega quando menos imagino. Quando desço um lance de escadas e chuto com descuido a quina da porta, ou quando levo um pedaço de biscoito com creme de amendoim à boca numa manhã fria de inverno. Biscoitos de amendoim eram os favoritos de Clara.

Eu cheguei à conclusão de que também odeio o florista que a levou de mim. O problema é que não sei nada sobre ele. Nunca vi o seu rosto, nem sei o seu nome. Ódio sem rosto é ainda mais dilacerante. Ele corre dentro de mim e não encontra a definição de que preciso. Ele não se localiza. Sofro dobrado por não saber o que sofro. Quero que este mar em fúria se acalme. Já estou decidido. Resolvi me reconciliar com meu coração. Quero que ele seja meu aliado. As sementes me ajudarão nisso.

Já se passaram duas semanas desde que nos falamos por meio da última carta. O solo já está bem preparado. O tempo já é propício para o plantio. O clima ameno me encoraja um pouco mais. Selecionei as sementes e já preparei as sementeiras. Li a respeito do assunto e estou me sentindo um mestre nessa primeira parte do processo. Semeei de tudo. Quero ter o que escolher. Procurei tonalidades diversas e observei sua sugestão da cerca viva e as flores miúdas ao centro. Às vezes eu paro diante do terreno ainda limpo e fico imaginando os matizes que ficarão bem.

Minha casa tem uma fachada nobre. O jardim ficará ainda mais belo. Ou será o contrário? Onde está a beleza primeira? Na casa ou no jardim? Desculpe-me, mas não sei viver sem perguntar.

Pronto. Era isso. Fiquei imensamente honrado por ser reconhecido como um filho.

Abráço carinhoso de seu amigo, ou de seu filho, não sei...

Alfredo, o semeador

Meu filho Alfredo,

Obrigado por ter aceitado o meu amor paternal. Fico ainda mais comprometido com o itinerário de seu florescimento humano.

A questão a respeito da beleza é instigante. O que realça o quê? A casa realça o jardim ou é o jardim que realça a casa? É simples. É só imaginar um sem o outro. Acho que o jardim acaba tendo a primazia, mas não podemos negar que ele será mais belo quando estiver situado estrategicamente diante de outra beleza.

Assim poderíamos dizer que a natureza da beleza é sempre complementar. Uma beleza vai puxando a outra. A construção harmônica de sua casa certamente favorecerá a beleza do seu jardim, mas ele tem o seu encanto próprio. O inegável é que se estabelecerá entre eles uma íntima comunhão. Serão bonitos juntos. Os significados estarão entrelaçados definitivamente. E assim serão chamados: a casa daquele jardim e o jardim daquela casa.

Isso me faz recordar um casal de amigos canadenses que vivia por aqui, na década de setenta. Eles eram bonitos. Ele era alto, forte e tinha um sorriso constante nos lábios. Ela era esguia, possuía corpo bem torneado e olhos verdes de intensidade rara.

Eu sempre os via juntos, até o dia em que ele precisou, por motivos profissionais, passar uma temporada no Canadá. Eu a encontrei nos corredores da Universidade. Ela me chamou pelo nome, mas eu não a reconheci. Olhei bem e quando me aproximei eu a achei diferente. Eu nunca a tinha visto longe do esposo. Era como se sua beleza estivesse ofuscada por uma ausência. Faltava-lhe um complemento vital que eu não sabia identificar qual era.

Algum tempo depois, com o retorno do esposo, eu fui visitá-los numa noite fria de sexta-feira. Ela estava radiante. Linda como nunca. Não era a mesma mulher daquela manhã, daquele corredor, daquele instante já passado. Ao lado do esposo, ela recebia um elemento a mais. Coisas que não podem ser explicadas, meu caro.

Histórias de amor são assim, Alfredo. A identificação é tão profunda que a criatura amante não pode se distinguir da criatura amada. Há uma fusão das realidades. As identidades se misturam, tal qual o espelho e a imagem refletida. O amor tem o dom de fundir as identidades, tornando-as uma só, mas sem que as particularidades se percam na fusão. Cada um é um a sós, mas juntos se transformam em uma terceira pessoa que chamamos de nós.

Recorda-se das lições filosóficas de Martin Buber? Ele dizia que o encontro entre as pessoas gera uma terceira ontologia – o nós. O eu, ao encontrar-se com um tu, faz nascer uma terceira realidade, uma terceira pessoa.

A paixão nasce é pela terceira pessoa. Queremos ficar ao lado de quem nos faz parturejar um nós que nos satisfaça e que nos torne felizes. A isso chamamos simpatia, meu querido Alfredo; a isso chamamos paixão, e depois amor.

Não é fantástico este pensamento? O que gostamos no outro é o que sobra do nosso encontro. É o que derrama, o que não coube nos dois. O contrário também é verdadeiro. O que não suportamos no outro é justamente o que resultou do encontro. Juntos nós extraímos o que temos de pior. Com isso nos rechaçamos. A sobra não nos deixa felizes, porque não nos realiza. Aí dizemos que temos antipatia, porque a terceira pessoa gerada é desagradável aos nossos olhos.

Quando eu olhava para a beleza dos meus amigos canadenses, o que verdadeiramente achava bonito era o nós que brotava daquela relação. Eu olhava e identificava a terceira pessoa que deles se desprendia. Assim será o seu jardim e sua casa: uma beleza única, junção de duas belezas que não poderão mais ser vistas sozinhas.

Quem ama quer a criatura amada por perto. O amor é o desejo de permanência. É a eterna vontade de que o outro não se distancie demais. É o lugar da identificação, quando juntos reconhecemos que a trama da vida nos entrelaçou de um modo tão intenso que agora já não há a possibilidade de viver fora do entrelaço.

Eu sou um homem solitário. Reconheço minha solidão e não quero piedade de ninguém por isso. Eu já vivi o grande amor da minha vida e não acredito que possa haver outro esperando por mim. O amor que eu vivi é registro que durará até o resto dos meus dias. Nós nos amamos em medidas tão extensas que já me sinto abastecido para o resto da vida. Eu encontro os sinais de seu amor a sustentarem a minha alma, tal qual o alicerce sustenta a estrutura da casa, mesmo que não esteja ao alcance dos olhos.

Encontrei Flora na biblioteca municipal. Ela descia as escadas com um livro nas mãos. No descompasso da descida, o livro veio ao chão. Imediatamente fui lhe ajudar a recolhê-lo. Quando fixei meus olhos no título do livro, eu não pude acreditar no que eu lia. Em letras garrafais e douradas estava escrito "O amor ao cair da tarde".

Incrível. Era tarde fria de segunda-feira. Com a queda da tarde, a queda do livro. Eu retirei o livro do chão e o estendi até as mãos de Flora. Ela sorriu para mim de um jeito que até então eu desconhecia. Sorriso inteiro, sem reservas. As mãos trêmulas não escondiam nosso nervosismo. O nosso amor começou ali. Ele durou vinte e seis anos e três meses. Tempo que a vida reservou-me para eu pudesse descobrir a felicidade e seus múltiplos desdobramentos. Do contentamento mais silencioso ao mais gritante. Fui feliz sem reservas. Éramos um. Assim como a casa e o jardim. Eu era a casa, e Flora, o meu jardim.

Quando Flora se foi de mim, como já lhe disse, depois que Flora morreu, vim morar nesta casa. Ela sabia que este canto do mundo é guardião de minhas primeiras memórias. Por isso, ela desejou tanto reformar este espaço. Neste lugar eu nasci e cresci. Depois da morte de meus pais, tudo por aqui ficou abandonado. Iríamos nos mudar para cá. Flora queria construir um grande jardim por aqui. Ela

sonhou cada detalhe do que iria ser plantado, mas não houve tempo. Flora morreu um mês depois da reforma estar concluída. Já havíamos planejado a mudança. Eu precisei vir sozinho. Ela sonhou o jardim, mas eu o plantei. Aprendi o ofício sozinho. Nunca havia me interessado por plantas. Eu não tinha opção. A memória de minha esposa dependia desse gesto. Eu não poderia permitir que o projeto ficasse sem realização. Ela era uma grande paisagista. Antes de morrer fez-me o pedido. Solicitou que eu plantasse o jardim. Por ela.

E assim nasceu o meu gosto pela Jardinagem. Em cada planta que vejo crescer do chão, cumpro o ofício de celebrar a memória de Flora. Foi um jeito que descobri de diminuir a lacuna que sua partida abriu dentro de mim. Eu não posso ser quem eu sou sem que ela seja comigo. O nosso nós não existe mais. Por isso preferi a solidão. Depois que me mudei para cá, nunca mais voltei à cidade.

Alfredo, em minha casa não há espelhos. Eu não quero mais ver o reflexo de minha imagem. Eu não sou capaz de ser eu sem que ela esteja por perto. Eu não quero enxergar a minha imagem de hoje. Foi assim que resolvi o meu conflito de ser só. Se me olho no espelho, minha solidão ficará ainda maior.

Aceitei a morte de Flora, mas decidi que não gostaria de voltar a ter contato com minha imagem. Estou bem. Tenho ocupado boa parte do meu tempo com os estudos e práticas de Jardinagem.

Não quero outra coisa senão cuidar dos meus jardins. Neles eu ressuscito minhas esperanças. Cada semente que morre para depois renascer é uma metáfora de Flora. Se não me vejo, não me sinto só. Loucura? Pode ser que seja. Não ando fazendo questão de sanidade. Fui sano durante muito tempo. Apliquei-me aos rigores da Filosofia, ensinei nas Universidades de tantos lugares do mundo e não quero mais a obrigação do pensamento rigorosamente estabelecido e sistematizado. Não quero mais mensurar a vida como se fosse um corpo que pode ser dissecado. Cansei de ser exato!

Meu querido, eu lhe peço que me desculpe pelo incômodo de meus desabafos. Encare-os como se fossem sementes que poderão germinar no seu coração algum aprendizado.

A propósito, como andam as sementeiras? Nunca se esqueça de que há sempre um cuidado reservado a cada dia. Cuidar de flor é o mesmo que cuidar de um amor. Se descuidar, ele se perde, não prospera.

Com carinho,

Abner

O amor sobrevive é de esperas.



Querido Abner,

Desculpe-me pela demora em lhe escrever. O retorno às aulas aconteceu justamente no momento em que a construção do jardim estava repleta de urgências. Agora mesmo não tenho tempo para mais nada. Optei por abrir mão das pesquisas que eu costumava fazer à tarde. Após as aulas tenho feito questão de voltar imediatamente para casa. É que o trabalho no jardim está me absorvendo. Com isso não tenho percebido o tempo passar. A propósito, acho que finalmente experimentei o que os místicos chamam de eternidade. A sensação do tempo inexistente. O processo humano que parece sustentar a vida por meio de outra energia que não o tempo. O envolvimento é tanto que por vezes me perco no dia e me ponho a perguntar: agora é tarde ou é manhã?

Eu, que sempre firmei meus passos na exatidão dos caminhos. Eu, que calculei a vida e ousei representá-la aritmeticamente, agora perdido, entre mudas miúdas de margaridas, gérberras, sempre-vivas, e tantos outros milagres vegetais.

O gramado está todo plantado. Consegui observar com exatidão os recortes estabelecidos. Foi um trabalho árduo, mas prazeroso. Cortar os blocos de grama como se fosse um confeitoiro montando um bolo de aniversário foi muito divertido. Dois vizinhos se dispuseram a ajudar. Viram o meu empenho e se aproximaram. No início eu tive dificuldade, mas aos poucos fui ganhando intimidade com eles. Conversamos muito durante o trabalho. Falamos sobre tudo. Há um senhor muito divertido que tem sempre uma história engraçada para contar.

Meu pai providenciou um pequeno sistema de irrigação. É um prazer inenarrável ver a água sendo jogada com serenidade sobre a grama recém-plantada. Os pequenos ramos verdes parecem agradecer-lhe o favor.

O tempo está bom. O calor já é de verão, embora a primavera ainda seja a regente do tempo. Plantei as mudas crescidas conforme um desenho que havia preparado. Misturei cores. Estou curioso para ver o resultado. O que agora tenho feito é cuidar dos pequenos detalhes. Eles não param de nascer. Tenho a impressão de que, quanto mais eu olho para o meu jardim, mais eu me apaixono por ele. E quanto mais me apaixono, mais reconheço os detalhes que lhe tornarão ainda mais belo. O amor gera o cuidado, não é mesmo?

Outro dia minha mãe estava silenciosa diante da casa. Eu a observei por muito tempo. Ela estava parada no portão de entrada. Tinha no rosto uma expressão de serenidade. Uma serenidade feliz. Eu me aproximei e perguntei em que estava pensando. Ela me disse, como se rezasse – “Não é à toa que Deus começou o mundo plantando um jardim!”.

Eu ouvi a sua fala e fiquei instigado. Intuí que ela estivesse se referindo ao mito do paraíso. Percebi que minha mãe estava confortável em si mesma. Havia uma serenidade em sua fala. A alma estava em profundo estado de contemplação.

Eu já havia experimentado muitas formas de êxtase na minha vida. Êxtase diante das ideias, dos textos e dos assombros metafísicos que as reflexões me causavam, mas não me recordo de ter me aproximado de um êxtase como aquele que minha mãe parecia experimentar.

Pode parecer estranho, meu caro Abner, mas naquele momento eu experimentei uma orfandade dilacerante. Senti o desejo de crer em Deus, assim como você crê. Senti o desejo de ajoelhar-me naquele chão e experimentar o mesmo que minha mãe parecia experimentar.

Eu nunca soube acreditar. Mesmo quando criança, na oportunidade de participar dos encontros catequéticos, eu nunca senti meu coração acreditando de verdade. Nasci ateu? Não sei. O que sei é que Deus não passa de uma ideia, que vez ou outra vem à minha cabeça, mas que não faz nenhuma diferença em minha vida. Eu queria saber crer, mas não sei.

Gostaria de comentar, de sua última carta, o desabafo. Confesso que chorei. Seu amor por Flora, o amor ao cair da tarde, a identificação de seus amigos, tudo isso me fez chegar à gênese de meu sofrimento. Clara me levou de mim. Vez em quando eu ainda me sinto ausente de mim mesmo. É por isso que ainda espero pelo seu retorno. Se não for para ficar, que seja então para me devolver o que é meu.

Com carinho, seu filho,

Alfredo

Meu querido filho,

Suas notícias me alegram. Estou curioso para ver o seu jardim. Imaginá-lo já é uma forma de tocá-lo. O cuidado de cada dia faz o tempo parecer inexistir; você tem razão. Volto a dizer, ao coração que cuida de um amor no presente o futuro é apenas um detalhe. Com isso podemos dizer que a eternidade já começou.

É nesse movimento interessante que Clara está lhe devolvendo o que você considera ter sido roubado por ela. O tempo deixou de oprimi-lo, e assim, mesmo que não haja o retorno de Clara, sua devolução acontece.

Em cada semente que necessita de cuidado, você se recolhe. É como se o jardim possuísse o dom de lhe resgatar, de lhe devolver. Possuir-se não é fácil, meu caro amigo. Requer luta diária, resgate a ser pago, já que somos tão ausentes de nós mesmos. Tenho um pequeno hábito que gosto de repetir todos os dias antes de dormir. Faço um breve silêncio e procuro identificar se houve alguma situação em que passei pelo risco de ter sido levado de mim.

Procuro recordar-me do que fiz, do que falei, do que vi, do que ouvi, e até mesmo do que li. Todas estas situações humanas são facas de dois gumes. Podem fazer bem e podem fazer mal. A leitura de um texto pode me levar de mim. Depende de como me porto diante das palavras escritas.

Se ele me leva, de alguma forma eu preciso depois voltar. Volto modificado, mas volto. Faço esse exercício todos os dias. É como se eu fosse o pai e a criança ao mesmo tempo. Deixo que a criança vá descobrir o mundo, mas não permito que ela se perca no meio da multidão.

Buscar-nos ao final do dia é um movimento que não podemos deixar de fazer, meu caro amigo. É como recolher partes de um vaso que se partiu.

Eu percebo que você está bem mais inteiro depois que começou a plantar o seu jardim. Fiquei muito feliz em saber que você tem voltado para casa logo após as aulas. Isso o reaproxima de seus vínculos. Ficar o dia inteiro longe de suas raízes dificultava ainda mais o seu processo humano.

Gostaria de mais uma vez comentar suas descrenças. Eu também já tive meus momentos de incredulidade. Nos tempos da Universidade, eu assimilei a ideia absurda de que o bom filósofo é ateu. Alimentei minha indiferença com o Sagrado até o dia em que fui surpreendido por uma convicção de que Deus existe. Não sei de onde veio. Era um fim de tarde de primavera. Eu estava terminando de plantar um canteiro de alfaces. Quando me levantei do chão, alguma coisa estranha havia acontecido comigo. Uma sacralidade parecia ter tomado conta de mim. Olhei o canteiro de alfaces, as mudas miúdas, indefesas, confiantes na proteção de minha pequena cerca de barbantes, e um choro manso de lágrimas começou a descer dos meus olhos. Chorei muito naquele instante. Chorei sem saber a razão. Chorei obedecendo a um motivo oculto, coisa que não pertence ao mundo da razão.

Desde então eu alimento a certeza de que a presença de Deus é uma constante em minha vida. O interessante é que minha experiência de Deus não aconteceu nos templos, nem tampouco a partir das motivações daqueles que se dizem especialistas em religião. A propósito, ando pensando que os especialistas em religião são mais vulneráveis às forças do ateísmo que nós, pobres mortais. Eles correm o risco de se tornarem profissionais da fé. Já parou para prestar atenção na fala de alguns líderes religiosos? Parecem cansados. Não que não acreditem no que falam, mas falam como se não acreditassem. Talvez tenham se perdido no executivo de suas missões. Perderam a alegria do seguimento.

Você deve ter experimentado isso no seu curso de Filosofia. Há professores que estão cansados do que sabem porque não renovaram os motivos que os fazem saber. O tempo passa e o sabor vai ficando pelo caminho. Saber e sabor estão presos na mesma raiz, meu caro Alfredo.

Religião é a mesma coisa. Ter fé é uma forma de não saber. Muitos pensam que é o contrário. As grandes religiões não começam nas respostas. Elas partem de grandes perguntas. As religiões, muito mais que responder a perguntas, ajudam-nos a conviver com as dúvidas. Ter fé é viver em estado de abertura para que Deus aconteça.

Eu confio na ação de Deus. Mas não é em tudo que eu consigo acreditar piamente. Fica sempre um pequeno espaço para a dúvida, afinal eu sou humano. Mas a dúvida que fica é aquela que me faz continuar buscando por Deus. É uma dúvida criativa que não afronta o Sagrado, mas permite que Ele seja o que é.

Eu tenho pensado muito nos problemas religiosos do nosso tempo. As interpretações equivocadas do Sagrado estão gerando guerras ao longo do mundo. O problema político é consequência. O pano de fundo é religioso.

Nem sempre há respeito entre as religiões. Elas não se encontram. O encontro não acontece porque não estão voltados para as perguntas fundamentais que norteiam a religião. Eles se prendem nas respostas que encontraram e, por isso, param nas diferenças.

As respostas são diferentes, mas as perguntas são as mesmas. Se esquecêssemos o que sabemos sobre Deus, talvez conseguíssemos recriar o mundo de forma mais harmoniosa. Deixaríamos as respostas e sobreviveríamos das perguntas. Utopia? Pode ser. Quem pode sobreviver sem o cultivo delas?

Eu vivo a minha busca. Vez ou outra eu descubro alguns teólogos que sabem lidar bem com as perguntas. Não estão tão preocupados em encontrar respostas. Exploram com o devido respeito as questões humanas. Colocam-nas na vidraça da casa de Deus para que sejam iluminadas com a luz que vem de dentro da casa.

São os teólogos que nos ensinam que a Revelação de Deus é uma fonte inesgotável. Deus continua falando ao mundo, porque o Seu grande objetivo é a comunicação de Seu amor.

Há outros teólogos que já são especialistas em nos indicar onde é que fica a casa

de Deus. Descrevem sua fachada, as cores das paredes e até contam minúcias da construção. Eu os escuto, mas não movem o meu coração. Há outros que são místicos. Não se ocupam das perguntas, nem das respostas. Querem apenas a aventura da procura. Estes, os místicos, não descrevem a casa, mas nos fazem entrar nela, porque já a encontraram antes de nós, por meio de sua busca.

Eles nos conduzem pelos cômodos da morada divina e nos permitem apreciar a intimidade de Deus, sem que as palavras sejam ditas. Diferente, não é?

Os místicos geralmente são chamados de loucos. Concorro. A mística é uma espécie de loucura. Mas se não fossem loucos não seriam místicos. São loucos por Deus, são loucos pela humanidade. São loucos pela vida, mesmo quando precária. Correm contra a correnteza. Não fazem do discurso religioso um peso sobre os ombros porque sabem que a felicidade necessita de leveza. Eles não se prendem aos lugares, porque descobriram que os lugares podem se tornar uma oposição à liberdade.

São coisas da vida, meu caro jardineiro. Não tema a incredulidade. Descubra nas perguntas a sua religiosidade. O jardim é uma fala de Deus. Escute-a como se fosse um menino que deseja ouvir a voz da mãe. A voz é suave, por isso o seu silêncio será necessário.

Sem mais, peço a Deus que o abençoe sempre.

A palavra é uma forma de bênção.

As flores também.

Flores são palavras.

De Deus.

Com carinho,

Abner

Deus não está longe nem perto. Deus é.



Meu caro Abner,

Estou mais leve. Perder a responsabilidade de crer nas respostas prontas torna-me mais tranquilo. Serei adepto da procura. Seguirei crendo mesmo que eu não saiba expressar o que creio. A propósito, preciso confessar-lhe que suas palavras me despertaram uma curiosa forma de enxergar a fé de minha mãe.

Ela, na simplicidade de seus argumentos, não sabe dar respostas às minhas perguntas, e mesmo assim ela segue crendo. Minha dúvida não é nada perto de sua crença. Eu, sempre que interrogado sobre minhas convicções acadêmicas, acabo por me conflitar com o que julgo saber. Essa é a natureza do conhecimento. Ele é sempre relativo. É verdadeiro até que provem o contrário. Meu conhecimento está fundamentado em inúmeras corroborações, tornando-o um lugar seguro onde ancore minhas convicções.

Mas com minha mãe não é assim. A sua fé não é relativa. Não há nada que possa pôr em questão a confiança que ela professa em Deus. Ela crê, mas não depende de provas científicas para crer. Crê porque vive no impulso de uma fé existencial sem a qual ela não saberia definir-se no mundo. Ela é cristã. Meu pai é budista. Ambos enxergam o mundo a partir das lentes que suas religiões lhes oferecem. São pessoas que creem em formulações diferentes, mas se encontram em muitos pontos. São pessoas de bem e lutam para que o mundo, esse particular, esse que se traduz em necessitados concretos, seja beneficiado pela sua bondade. Meu pai fala com muita eloquência sobre o que crê, mas minha mãe não.

Outro dia eu lhe perguntei se havia provas concretas da ressurreição de Jesus. Ela disse que não. E foi então que eu a desafiei dizendo que seria absurdo ter fé num acontecimento que não pode ser provado cientificamente. Ela me respondeu com simplicidade que se houvessem provas não haveria necessidade de ter fé. Sua sabedoria retirou-me a coragem para uma nova pergunta. Respostas inteligentes nos provocam para outras perguntas, mas respostas sábias nos calam.

Querido Abner, ando navegando sobre as águas da sabedoria. Ela tem remanso diferente do da inteligência. O rio dos intelectuais é mais claro e sem muitas curvas. Já o rio dos sábios é turvo e sinuoso. Requer habilidade para uma navegação segura. Eu vou aprendendo.

Meu jardim cresce, assim como crescem minhas alegrias. Já não tenho o desconforto dilacerante das primeiras cartas. Meu amor por Clara agora é leve, e por isso não me custa levá-lo comigo. Ainda que não seja correspondido, esse amor faz parte de minhas riquezas humanas. O desprezo que recebi de Clara não retira a nobreza do que sinto por ela. Esse amor não me expõe fraco, tampouco me empobrece, ao contrário, torna-me ainda mais feliz. Recordo-me de suas palavras desafiando-me a olhar para o pódio onde o florista ostentava sua vitória sobre mim. Hoje não me sinto envergonhado por isso. Paralelo ao pódio principal existe

outro, não concreto, e que só pode ser visto pelos olhos de quem sabe crer que no fracasso há vitória. Nele eu ocupo o lugar mais alto. Sou muito mais homem depois de ter sido derrotado, e essa visão eu devo a você.

Incorporei ao meu dia o hábito de ir buscar-me para que eu não durma sem mim. Tenho chegado à conclusão de que meu jardim tem me devolvido a mim mesmo. Estou ressuscitando em cada semente que brota, e para essa ressurreição eu também, assim como minha mãe, não tenho provas concretas. Uma coisa é certa. Minha mãe sabe que estou ressuscitando, e assim como ela dá testemunho de Jesus, ela também dará este testemunho por mim.

Obrigado por ter gritado à porta de meu sepulcro. Obrigado pela palavra que ordenou a minha ressurreição. Obrigado por ter ajudado a retirar as minhas faixas. É com alegria que hoje ousou dizer, biblicamente: "O que estava morto agora vive".

Com amor de filho,

Alfredo

Meu caro amigo,

Suas palavras assombram-me com sabedoria e encanto. O discurso simples, coerente e forte, levou-me a uma contemplação da beleza do seu processo humano. Posso lhe garantir que o plantio do seu jardim já produziu efeito terapêutico. A arte de sua Jardinagem já plantou flores dentro de você.

Ressurreição é o desafio de toda hora, meu caro Alfredo. O movimento da vida requer o tempo todo o movimento da morte. Sementes que se entregam ao processo de morrer, depois de alguns dias, amanhecem flores. Pode haver beleza maior? Não sei se há.

O grande problema é que olhamos depressa demais para tudo isso. Não sabemos demorar no que vemos. Olhamos, mas apenas esbarramos os olhos no que vemos. É triste. Quanto milagre acontece ao nosso redor, mas nossa pressa com a vida nos cega para esta percepção.

Quanto ao discurso dos sábios, você tem razão. Os sábios possuem a terceira visão. Eles são capazes de se encantar com coisas menores porque olham devagar para elas. Quando a pressa toma conta dos nossos olhos, o encanto das realidades parece ficar velado. Tenho tido muita necessidade de olhar devagar para as coisas, meu querido.

Já corri demais nessa vida. O tempo da pressa já se foi. E de toda essa pressa muito pouco me sobrou. Mas não quero as sobras. Resolvi recolher alegrias nos meus cestos imaginários. É melhor assim. Restos não me realizam. Restos de dor, restos de amor, restos de felicidade. Não quero.

O que quero é a totalidade da vida escondida na miudeza de cada instante, o meu empenho está em alimentar o elã vital que assegura a qualidade da minha continuidade.

Creio que você soube viver bem o plantio de seu jardim. Ele lhe ocupou o coração. Com isso, seu amor por Clara deixou de ser um peso. O seu amor não mudou. O que mudou foi o seu jeito de olhar para ele. Antes, o olhar cheio de pressa, a sensação de orgulho ferido, mas agora a calma tomou conta de seus olhos. Da mesma forma que você foi capaz de olhar devagar para sua mãe. A fé que você julgava tão ingênua agora você considera sabedoria.

Muita coisa mudou em você, não é mesmo, meu jovem jardineiro? Isso me alegra. Toda vez que não resistimos ao movimento da vida, a sabedoria vem se alojar em nós.

Sigamos assim. Movimentados e movimentadores. Neste ciclo tão precioso, vamos tocando a morte e a ressurreição. Não há como parar. Sigamos sempre.

Creio que muito em breve um raio de luz iluminará ainda mais o seu jardim. Prepare o seu coração. Raios de luz merecem ser bem recebidos.

Com carinho,

Abner

Depois da morte e ressurreição da
semente, a flor é recompensa.



Abner,

O que pode um homem diante dos anúncios que o tornam curioso? Confesso que desde sua última correspondência eu continuo ruminando suas derradeiras palavras. Raios de sol são sempre raios de sol. Pode algum nos iluminar mais que outros?

Um pouco de filosofia. Só isso.

Abraço do filho curioso,

Alfredo

Caro Alfredo,

O que pode um homem diante dos anúncios que o tornam curioso? Reagir. Perguntar, implorar. Não é mesmo? Quis intrigar-lhe para saber um pouco mais sobre os efeitos do jardim sobre você.

Estou satisfeito com o resultado. Em outros tempos, é certo que desdenharia de minha metáfora e, mediante resposta minuciosamente pensada, argumentaria com astúcia que raios de sol são sempre raios de sol, e que os olhos humanos não podem identificá-los em suas diferenças. Mas suas palavras correram pelos mesmos trilhos que as minhas. Que bom! Você está curado de ser gente grande.

Com carinho,

Abner

Ao poeta cabe o ofício de verbalizar
as entrelinhas da alma.



Abner,

Obrigado pelo carinho. Gostei muito de sua expressão “curado de ser gente grande!”. Você tem razão. Por vezes o mundo adulto é uma espécie de doença. Observei que minhas inaptidões com a simplicidade da vida estavam intimamente ligadas ao meu desejo de ser maduro.

Mas o que é amadurecer? Não seria encontrar o ponto de equilíbrio que nos faz provar grandeza e simplicidade com a mesma disposição? Maturidade não seria a síntese entre inteligência e sabedoria? Pode ser que seja. Levo comigo essa convicção. A sabedoria é atributo dos simples, dos que reconhecem que é preciso encolher para realizar a passagem que nos permite adentrar o território das grandes questões humanas

Acho que estou no caminho certo. Tenho procurado me encolher para aprender, e isso eu devo a você. Construir um jardim, descobrir o mistério que se esconde no ato de semear a terra, de esperar pelo tempo de cada planta, foi um aprendizado maravilhoso.

O cultivo desta simplicidade me curou de ser grande. Ando mais calmo, sem as ansiedades de antes. Continuo minha busca pelo conhecimento, mas esta busca está modificada. Eu quero aprender, mas não quero provar nada. Quero ser simples diante do que aprendo. Assim eu posso aprender dobrado. Aprendo para não esquecer.

Hoje pela manhã, eu esparramei pelo jardim algumas frases de poetas que aprendi a amar. Pinte em pedaços de madeiras. Ficaram bonitas. Palavras combinam com flores. Elas sofrem o mesmo processo que as sementes. Elas carecem de tempo dentro de nós para que floresçam bonitas.

O tempo da semente é também o tempo da palavra. Foi com você que aprendi. Palavras que são frutos da pressa correm o risco de cair no esquecimento. Frases que marcam são as que certamente foram cultivadas no silêncio de uma vida cheia de desafios.

Eu tinha muita ansiedade de escrever um livro, mas tenho pensado muito que o meu tempo de escrita ainda não chegou. Este é o tempo de preparar os livros dentro de mim. É o tempo da vida, do aprendizado. Depois eu os escreverei. Antes do livro, a vida.

Muitos livros estão escritos dentro de mim, mas agora eu preciso interpretá-los, e só assim serei capaz de encontrar as palavras que possam dar voz a estas experiências.

Fiquei pensando muito na minha história com Clara. Já pensou que romance lindo poderia ser escrito? O filósofo que perdeu o amor de sua vida para um florista.

Meu amigo, esta história certamente será muito sugestiva. Terei muito o que dizer. Vou esperar que as palavras amadureçam dentro de mim.

E por falar em obra, aproveito o ensejo para dispensar-lhe do desconforto de enviar-me os manuscritos de seu novo livro. Deixarei para lê-los em outro momento.

Mais uma vez, obrigado pelo seu carinho. Fico por aqui, neste tempo de primavera, nestes dias em que as flores são poemas que meus olhos leem com prazer.

Despeço-me cheio de alegrias miúdas, mas constantes.

Com carinho especial,

Alfredo

Meu querido Alfredo,

Que bom que você tenha esparramado poesia em sua morada. Estes fragmentos de poemas tornarão ainda mais interessante o ambiente florido que você construiu.

A palavra poética é salvífica. Experimento em minha alma o poder curativo que há nessa forma de linguagem. Para algumas enfermidades, não há remédio melhor. Para os tristes e abatidos, há uma receita infalível. Um poema de hora em hora.

Alfredo, não foi à toa que Deus criou o mundo a partir da força de seu verbo. A palavra nos recria, ela nos recomeça, ela nos ressuscita.

A ressurreição de Lázaro teve início na palavra de Jesus. Foi o grito de Deus que penetrou nos ouvidos mortos daquele homem e que o fez retornar à vida.

Temos falado muito de ressurreição. Ressurreição é palavra sugestiva. A vida só é viva se estiver no movimento silencioso que a faz ressurgir constantemente. Ressurreição é processual. Águas que morrem, evaporam, chuvas que nascem. Rios que se conduzem em mixórdia constante, afluindo, deixando de ser sozinhos para serem na comunhão.

Misturar é ressurgir. É garantir a chegada final, que no ato de chegar já se transforma em nova partida. Viver é morrer todo dia. O que eu era antes já não sou agora; mas sou o que ainda não fui.

O movimento é de vida e morte. Realizamos constantemente os dois movimentos da existência: o primeiro e o último. Inspiração e expiração. Tudo ao mesmo tempo, provando-nos que morrer é viver; viver é morrer. Instigante, miraculoso.

A crença na ressurreição de Jesus movimenta a liturgia cristã. Tudo o que o sacramento realiza está diretamente ligado à vida nova que o Cristo oferece ao mundo. É no Cristo que a vida humana é transformada. O ciclo não para. Ele perpassa toda a história concedendo salvação aos que o aceitam.

O movimento místico dessa ação salvífica nos ensina a compreender que Ele está no meio de nós!

Esta frase constantemente ouvida nos relatos das primeiras comunidades cristãs, e ainda repetida nos dias de hoje nas liturgias, está diretamente ligada à fé na ressurreição.

O amado não se foi, mas continua presente na criatura amada. O sepulcro está vazio. O ressurreto está fora do tempo, mas passa pelo nosso tempo para nos santificar.

Alfredo, o amor é um recurso humano que nos antecipa o que é eterno. Eu bem sei disso. Experimento a ressurreição de Flora a cada dia. Incontestável, assim como é a matemática de Pitágoras e seu teorema. Flora está por toda parte de minha vida. É dogma de fé, meu caro amigo.

Após o sepultamento de Flora, decidi que iria me desfazer de todos os seus

pertences. Mas algumas coisas eu quis guardar. Um bilhete que ela me escreveu por ocasião de uma viagem, algumas fotografias, e o livro que marcou o dia do nosso encontro.

Tudo o que dela não pude esquecer eu sepulto nos meus jardins para que ressurgira de outra forma. Reter é a pior forma de perder. Não quero ser vitimado pela ilusão de possuir o que já não me pertence mais. Essa atitude foi muito importante para que eu me libertasse do peso que a morte de Flora me impôs.

Engraçado, mas esta atitude foi ela quem me ensinou durante o tempo em que viveu ao meu lado. Flora insistia comigo que era preciso me libertar de meus apegos. Foi com ela que eu aprendi que amar é atitude constante de libertação da liberdade.

Alfredo, nem sempre temos consciência de nossas prisões afetivas. Encarcerados temos a sensação de liberdade. Precisamos de alguém que nos ame para nos mostrar essa cilada. Só o amor nos faz ver estes avessos. Eu pensava ser livre. Procurava constantemente por uma filosofia que me favorecesse ainda mais essa liberdade. Foi então que o amor de Flora transformou verdadeiramente a minha vida.

Os anos ao seu lado me fizeram descobrir que minha estranha liberdade acorrentava-me a inúmeras posses. Minha casa, meu carro, meus livros, meu conhecimento, meu emprego, meus diplomas, meu prestígio. De tudo eu era escravo. Estava amarrado, como um cão. Corrente curta que não me permitia ir muito longe. Eu havia me transformado em um vigilante de meus bens.

Alguns anos antes de morrer, Flora teve coragem de me dizer isso. Disse-me sorrindo, tão cheia de ternura. A frase doeu, mas foi redentora. Dor que dói para redimir é dor que vale a pena!

Flora desafiou-me a viver mais desprendido. Especialista em Biologia, ela tornou-se uma amante da arte da Jardinagem. Estudou Paisagismo e durante muito tempo insistiu comigo para que eu também me interessasse pelos jardins.

Eu gostava de ouvir a maneira apaixonada com que falava sobre o assunto, mas eu vivia ocupado demais com a Filosofia. Com ela eu aprendi muita coisa. Ela me falava sempre sobre a gratuidade que há nos jardins. Ensinou-me que as flores não querem outra coisa senão ser o que são. Sem cercas, ainda que alguém venha roubá-las de suas raízes. Serão gratas até o último viço. Elas são livres. Estão sempre prontas para partir.

Eu quis aprender com Flora, meu querido amigo. O discurso que a princípio parecia tão cheio de ingenuidade começou a tomar conta de mim. A sua doença a matou rapidamente. Não tive muito tempo. Ainda na antiga residência, ela me apresentou os projetos que gostaria que fossem executados aqui. Flora me pediu jardins diversificados. Disse-me que cada um deles iria me render um aprendizado diferente, mas todos costurados num único objetivo: devolverem-me o ânimo.

E foi assim que os jardins sugeridos por Flora mudaram minha vida. Ela foi muito

sábia. Logo após sua morte, deixei a antiga residência, cumprindo o pedido que Flora havia feito. Logo que cheguei aqui, iniciei os projetos que ela deixou preparados.

A casa onde morávamos foi transformada numa clínica que trata de crianças que sofrem de câncer. Tenho notícias de que os jardins que Flora por lá plantou continuam belos e preservados.

Alfredo, Flora me ensinou a perder. Desde que ela se foi, minhas perspectivas foram modificadas. Meu objetivo na vida não é mais ganhar, mas perder. Estranho? Eu sei. Mas esta é minha verdade. Entrei no movimento do tempo. A cada dia tenho menos tempo para ser quem sou. A vida está se despedindo de mim. Mas não há sofrimento nessa perda. Em tudo isso eu vejo um ganho. O tempo diminui, mas a intensidade com que vivo pode ser redobrada. Menos um dia? Não tem problema. Reforço a intensidade. Assim eu vou ganhando com as perdas. Vou colocando mais vida na minha vida.

Alfredo, eu decidi que quero ser leve. Por dentro e por fora. Olho para tudo o que está ao meu redor, mas olho com liberdade. Posso ir embora a qualquer momento. Perdi a ilusão da posse. Nada é meu. Sou apenas administrador do espaço em que me situo. Administro o sopro que está em mim, mas sei que a qualquer momento este sopro pode ser finalizado.

Mas enquanto o sopro não termina, vou vivendo feliz. Há tantas harmonias que merecem ser contempladas! Falta tempo para tanta beleza.

Fique em paz, meu amigo.

E que floresça sempre mais o seu jardim.

Com carinho,

Abner

A simplicidade só é possível
aos que ousaram trilhar os
caminhos da maturidade.



Querido Abner,

Obrigado pela confissão. Gostei de saber que você também precisou se desprender de seus pesos. A dor é universal. Só muda de endereço.

Também tenho me aventurado na busca pela leveza. Instigante a sua reflexão. A ilusão de que possuímos pessoas e coisas é um fardo terrível que carregamos sobre os ombros. Mas como é difícil perder esta ilusão, querido Abner. É a partir dela que estabelecemos a segurança de que necessitamos para viver. Um erro fundamental. Essa leveza de que você hoje desfruta leva tempo para ser alcançada. Muitos morrerão sem ao menos saber que ela é possível.

Não deveria ser essa a função das religiões no mundo? Ensinar a leveza? Propor caminhos alternativos que pudessem ajudar a humanidade a viver sem o peso das escravidões?

Confesso que eu ainda não sei crer como minha mãe crê, mas sinto que já dei passos importantes na direção de Deus. Recordo-me da maneira terna com que ela me falava de Dele. Mas a fala de minha mãe era muito baixa perto dos gritos que ouvi ao longo da vida. Sinto que ainda preciso reconstruir muita coisa dentro de mim. Tenho muitos estragos dentro do meu coração. Fui vítima de uma teologia que me apresentou Deus como um tirano implacável. Aquele Deus aterrorizante eu nunca quis ao meu lado. Preferi seguir sozinho.

Talvez seja por isso que eu tenha sofrido tanto com o abandono de Clara. Cresci sob a sombra do medo. A tirania divina não nos educa para a coragem, mas para o medo. E diante desse medo há duas formas de reagir. Ou nos transformamos em seres apáticos, ou nos transformamos em seres arrogantes. Eu sou exemplo vivo da segunda opção.

A arrogância não me permitiu encarar as perdas da vida. A minha fragilidade estava coberta de cera, numa tentativa de camuflar inseguranças que possuo. A vida me distanciou de minha mãe, de meu pai. Repudiei tudo o que fazia parte daquele mundo simples em que fui criado. Busquei nos estudos uma forma de diminuir o medo que sentia.

Hoje eu posso ver tudo de um jeito mais claro. Feliz a hora em que resolvi lhe procurar, meu querido amigo. Feliz a hora em que eu decidi lançar sobre a terra as mazelas do meu coração.

Ao iniciar o plantio de meu jardim, eu tive a oportunidade de reencontrar-me com o rosto de um Deus misericordioso. O mesmo a quem minha mãe me apresentou, mas que a vida me fez repudiar e esquecer.

Obrigado por misturar a palavra santa na terra de minha casa. Foi no meio de sementes, esterco, terras e alegrias que Deus resolveu florescer em minha história.

Hoje Ele está aqui e fala comigo. Vive correndo e brincando pelo meu jardim.

Religiosamente,

Alfredo

Meu caro Alfredo,

Sua carta me fez chorar. Rogo a Deus para que esta brincadeira em seu jardim nunca mais tenha fim. Deus gosta de se entreter com a gente. Esteja sempre com Ele.

A nova estação também tem sido bonita por aqui, neste lugar onde os poemas estão escritos por todos os lados. Fiz o mesmo que você. Esparramei frases bonitas entre as plantas de meus canteiros.

Meu querido filho, é chegada a hora da verdade. Confesso que não tenho sido totalmente honesto com você. Ando omitindo alguns fatos que hoje resolvi lhe confessar. É que nem sempre as pessoas estão preparadas para a verdade, mas eu considero que você já esteja pronto para conhecê-la.

Pois bem. Primeiramente preciso lhe dizer que o amo profundamente. Aprendi a amar. O garoto arrogante das primeiras cartas foi dando lugar a um rapaz maduro e cheio de sabedoria, o qual com sutileza e mestria conquistou meu coração de pai.

Estamos muito unidos, meu caro Alfredo, e essa união não teve início com suas cartas. Eu já tinha entrado bem antes em sua vida, mas sem que você o soubesse. Eu fui o responsável por Clara ter lhe abandonado. Ela, ao trocar-lhe por um florista, estava obedecendo a mim. Fui eu quem pediu que Clara se afastasse de você.

Sei que você deve estar assustado, mas já me explico. As razões são simples, meu caro Alfredo. Nenhum pai quer ver sua filha casada com um homem inteligente demais, mas sábio de menos.

Inteligência não é o combustível para o amor eterno. O que faz o amor durar no tempo não é o que sabemos sobre o outro, mas é o mistério que nos aproxima. Sobre este mistério não sabemos, mas intuímos. E pelo que tenho percebido da vida, a intuição é atributo que aos sábios pertence. Ser inteligente não é garantia de boa paternidade, por exemplo. Já a sabedoria, sim. Um pai sábio fará muito mais bem ao filho que o pai meramente inteligente.

Eu já conhecia sua fama de aluno excepcional, brilhante. Tenho amigos que lhe ensinaram na Faculdade. Sabia de seu empenho e de sua dedicação à Filosofia. Busquei conhecê-lo bem por uma razão muito simples. Clara é minha filha.

Quando ela falou-me de você, percebi que havia um interesse mais que o comum. Clara estava encantada. Havia em seus olhos uma certeza de que você seria o homem da vida dela. Havia uma ansiedade, um desejo de acelerar o tempo para que muito em breve ela viesse a ser sua esposa. Diante daquele interesse tão intenso e do curto período que vocês se conheciam, resolvi perguntar a ela se você estava pronto para a experiência do amor, e foi então que Clara contou-me dos medos que tinha.

Disse que o admirava muito. Ressaltou seu conhecimento, seu raciocínio sempre

brilhante, mas confessou-me com desconcerto que por vezes ela percebia sua incapacidade de apreciar as coisas simples.

Veja bem, meu caro amigo, Clara é afeita à simplicidade. Herdou de sua mãe um jeito profundo de olhar a vida. Um olhar raro, demorado, sempre.

Clara possui uma inteligência brilhante, mas descobriu desde muito cedo o amor pelas coisas simples. Com a morte da mãe, tornou-se responsável pela casa. Foi então que resolvemos ficar por aqui. Estando já aposentado como professor na Universidade, pude recolher-me neste meu canto para dedicar-me totalmente à arte da Jardinagem. Como já lhe disse, foi um jeito que encontrei de fazer permanecer entre nós a presença de Flora.

Clara ficou comigo por um tempo, mas eu a motivei a estudar Artes em Paris, e assim o foi. Clara o conheceu por ocasião de suas férias. Sei que ela não teve nem oportunidade de lhe contar tudo isso, pois ela estava bastante indecisa se voltaria a Paris para continuar os estudos.

Tudo aconteceu muito rapidamente dentro dela. Contou-me do encontro casual com você na livraria. Falou-me do livro que vocês pegaram juntos e de sua gentileza em permitir que ela ficasse com o único volume disponível.

Achei muito interessante a semelhança dos encontros. Entre mim e Flora, e entre você e Clara. Ela me contou do café que se seguiu, das conversas e das características do seu olhar que tanto a fascinaram.

Eu acompanhei os encontros. Sempre que chegava, corria ao meu encontro para relatar. Depois de duas semanas, numa tarde que já era prenúncio do inverno que chegaria, numa tarde de outono em processo de agonia, Clara confessou-me os desencantos com você. Contou-me que chegou à conclusão de que o homem que ela viu no início dos encontros não existia. Era apenas uma projeção que havia feito. Um homem imaginado, não real.

Disse-me que você insistia demais em encontrar respostas para todos os problemas do mundo, e que isso a assustava muito. Ela percebeu que existia uma diferença abismal no jeito que vocês interpretavam a vida. Clara não foi educada para as respostas, meu caro, mas para as perguntas. Você se mostrou muito cheio de respostas, e isso a assustou.

Ela percebeu que ao seu lado ela estava se sentindo uma mocinha boba, sem atrativos, quase um objeto que você resolveu investigar. Clara confessou-me que sempre sonhou com um homem como você, mas que existia uma insensibilidade muito aflorada que ela julgava ser determinante para que não acreditasse na relação de vocês. Clara o imaginou, e reconheceu ter errado no que havia imaginado.

Conversamos demoradamente naquela noite. Clara chegou à conclusão de que você era um homem prático demais para ser transformado em marido.

Ela não queria arriscar o destino de sua vida ao lado de um homem que não sabia apreciar as estrelas sem a necessidade de ficar repetindo as regras que as faziam

brilhar. Clara ficou muito assustada com seu muito dizer, com seu muito explicar. Foi então que eu sugeri a ela que não continuasse a se encontrar com você.

Ela já estava envolvida demais para continuar estabelecendo vínculos com alguém que ela julgava tão impróprio para ela.

O tempo de férias acabou e Clara voltou a Paris. Eu inventei a história do vendedor de flores porque eu já tinha um plano em minha cabeça. Eu mesmo escrevi aquele bilhete, dizendo-lhe sobre sua partida. Sei muito bem imitar a letra de minha filha.

Eu tinha os meus motivos para fazer tudo aquilo. Sabia que Clara não lhe esqueceria. Eu vi a tristeza profunda nos seus olhos no dia em que ela resolveu lhe deixar, e por isso decidi fazer alguma coisa para tentar ajudar.

Sempre que falava com ela, procurava saber notícias de seu coração de mulher. O amor permanecia, mas em nenhum momento Clara perdia a convicção de que havia feito a coisa certa.

Depois de alguns meses da ida de Clara, e diante da certeza de que ela realmente o amava, resolvi pedir ao meu amigo da Universidade que lhe convencesse a um contato comigo. Sabia muito bem que Lamartine, o professor, tinha acesso direto a você. Clara me contara que era ele o grande orientador de suas pesquisas. Insisti muito com Lamartine que ele mantivesse o segredo. Gostaria de saber ao certo o que havia acontecido para que Clara lhe dispensasse, mesmo sofrendo. Foi então que inventei a história dos manuscritos. Sabia que você se interessaria em ter a oportunidade de lê-los em primeira mão.

Fiquei muito feliz ao perceber que o plano havia dado certo, meu caro amigo. Sua primeira carta trouxe-me muita euforia, pois temia que não aceitasse dividir o sofrimento de seu coração. Lamartine comentou comigo que você não conversou quase nada com ele, mas com um pouco de tato ele acabou lhe arrancando algumas confissões.

Foi bonito perceber seu coração por ele mesmo, sem notícia dada por outros. Ouvir sua honestidade, seu sofrimento tão à flor da pele, e seu questionamento a respeito de tantas coisas.

E assim passou o tempo. Clara nunca soube do que eu andava fazendo. Sempre que falava com ela, eu insistia para saber notícias de seu coração desiludido. Temia que ela se ocupasse de outro, que conhecesse alguém que lhe desviasse do sofrimento que estava vivenciando.

Eu tinha certeza de que Clara também estava crescendo com aquela renúncia. Ouvi sempre a mesma resposta: "Pai, eu ainda vou procurar Alfredo!". Por isso insisti tanto no plantio de seu jardim. Queria ajudar minha filha a encontrar o homem que ela intuiu existir dentro de você, meu querido.

Clara o imaginou, mas sei que o que ela idealizou poderia realmente existir, e que era apenas uma questão de tempo. Intuí que sua insensibilidade poderia ser vencida com o cultivo de hábitos simples, menores.

É, meu caro amigo, acho que deu certo. Hoje, distante do tempo em que foi escrita a primeira carta, sinto que o homem que Clara havia intuído já existe. Ela não estava errada na primeira impressão. Ela não imaginou nada. Ela viu, mas existia alguns excessos que dificultavam sua chegada ao lugar que fora visto.

Sinto que ajudei a preparar o homem com quem minha filha certamente se casará. Fico feliz por saber que o milagre do jardim explodiu no seu coração da mesma forma que a semente explode na terra. Um novo homem nasceu pela força das regras das flores.

Meu querido Alfredo, eu recebi no último mês uma carta de Clara. Ela chegará na próxima semana. Ela o procurará. Disse que precisa lhe encontrar, ainda que seja para chegar à conclusão de que vocês não poderão ficar juntos. Clara não sabe de nossos contatos. Não sabe da história de seu jardim, e peço-lhe que não conte a ela sobre nada do que aconteceu, meu filho.

Estou vivendo os últimos dias de minha vida. Tenho o mesmo câncer que matou minha esposa, mas estou sendo tratado aqui mesmo, em minha casa. O médico já me alertou sobre minha situação e disse que não tenho muitos dias pela frente. Estou saboreando os momentos finais de minha Jardinagem, mas estou feliz. Não há agonia nesta minha despedida. A cada suspiro, eu agradeço a Deus por eu existir e ser quem eu sou. Morrerei reconciliado comigo mesmo, e nisso está minha alegria.

Clara está sofrendo muito com minha partida. Ela sabe de meu estado. Só agora permiti que ela viesse. Quis ganhar tempo com sua Jardinagem. Temia que ela viesse e ainda encontrasse o rapazinho tolo, fascinado por Aristóteles e os banquetes de Platão, e que, desiludida, pudesse concluir que você realmente não é o homem com quem ela deseja passar o resto dos seus dias.

Meu filho, estou muito feliz por saber que você receberá Clara de volta em sua vida. Fico feliz por saber que você agora possui um jardim, e que nele você descobriu um lugar de contemplação. Clara ficará surpresa. Você é um moço muito inteligente, mas também se revelou muito sábio. Sabedoria e inteligência, quando juntas, são virtudes que transformam o mundo.

Perdoe-me por ter planejado esta trama. Quis apenas fazer o bem. Não acho que eu tenha errado. Vejo-o mais feliz, e isso é o bastante para que eu me exima da culpa de ter mentido para você.

Fique sabendo que de tudo o que deixo neste mundo há dois valores inestimáveis que gostaria de lhe confiar. Clara e o meu jardim. Eles foram criados com as mesmas regras. Amei cada movimento que fiz em direção a eles. Eles serão seus. Cuide deles por mim.

Agora você já sabe. Clara é o raio de sol que irá lhe visitar...

Preciso ainda dizer. Você foi um plantio profundamente realizador que pude fazer nesta vida. Só uma coisa eu lamento. Morrerei sem conhecer o seu rosto.

Com amor e carinho, despeço-me. Definitivamente.

Abner

Mais vale o desconforto da verdade
que a comodidade da mentira.



Meu caro Abner,

Sei que seus olhos não poderão mais ler estas palavras. Não importa. Meu desejo é simples, e hoje ele é tudo o que possuo.

Não tenho como remeter-lhe minhas últimas palavras. Esbarro no limite do tempo, que soberano e contínuo define os acontecimentos e a eles nos condiciona. Eu escrevo porque andei guardando durante muito tempo este punhado de palavras, e hoje reconheço que já não tenho mais como segurá-las dentro de mim.

São palavras demoradas porque elas estão aqui desde a notícia de sua morte. Já que não tenho correio que possa entregá-las a você, resolvi sepultá-las num pequeno espaço que cavei no seu jardim. Que ele lhe conte minhas notícias.

Quando sua última carta chegou, eu não estava na cidade. Naquela época eu havia demorado alguns dias numa pequena viagem que resolvi fazer com minha mãe. Quando cheguei, fui surpreendido pela sua carta e, logo em seguida, pelo recado que meu pai me dera, de que Clara havia procurado por mim.

Conhecedor de toda a história, eu tomei a liberdade de ir procurar por Clara em sua casa. Quando cheguei, ela estava sentada na escada da entrada principal. Parecia mergulhada numa tristeza que é própria de quem perdeu o sentido de tudo. Encorajado pelas suas palavras, e por tudo o que você me proporcionou saber, aproximei-me sem muito alarde.

Quando ela percebeu minha presença, notei que seus olhos se iluminaram com a mesma luz que marcou nosso primeiro encontro. Eu fui pleno naquele instante. Olhei Clara sem pressa. Olhei Clara de um jeito que eu nunca tinha olhado antes. Ela estava ainda mais bonita!

Não houve demoras, nem formalidades. Abraçou-me com o mesmo carinho de sempre e disse que eu era tudo o que ela tinha na vida! Naquele momento eu me recordei da herança que você me deixara: Clara e seu jardim. E movido pelo aprendizado que meu jardim me concedera, eu assegurei à Clara que eu não a abandonaria por nada neste mundo. E assim o foi.

Finalmente pude entrar no seu espaço. Conheci sua casa, seu jardim, sua escrivaninha, seus livros e o velho Argus, o seu amor inútil.

Adentrei o seu espaço da mesma forma que o sacerdote adentra o seu templo. Minha alma em profunda reverência se pôs a conhecer aquilo que suas palavras me descreviam. Pude olhar nos olhos de Argus e nele encontrei uma docilidade que me encantou profundamente. Percebi em cada pequeno espaço de sua morada a força de sua presença.

Confesso que não pude conter as lágrimas quando percebi que as frases que você havia escrito entre os canteiros do seu jardim eram frases retiradas de minhas cartas. Não pude segurar a emoção. Clara não entendeu o meu sofrimento, mas eu cumpri o nosso plano. Ela nunca soube de nada.

Hoje, passados vinte anos de sua morte, resolvi escrever a última carta de nossa frutuosa correspondência. Movido por um desejo de ressurreição, quis rabiscar neste papel as palavras que há tanto tempo estão engasgadas em minha garganta.

Você não errou em sua análise. Clara e eu nascemos um para o outro. Minha mudança foi fundamental para que eu pudesse oferecer-lhe o que ela havia enxergado em mim, mas que por força de minhas limitações eu não deixava florescer.

Nosso namoro durou um ano e dois meses. Continuei meus estudos e hoje ocupo a mesma cadeira que você ocupou durante tanto tempo na Universidade. Clara terminou o curso de Artes em Paris e abriu uma floricultura que tem fama em toda a região pela qualidade do serviço oferecido. Nas horas de folga, ela ensina pintura na Escola de Artes que abriu e que agora é comandada por Maria Flor, nossa filha mais jovem.

Trouxemos três filhos ao mundo. Abner, o mais velho, desde os primeiros anos de escola já manifestou forte inclinação à Filosofia. Carolina, a filha do meio, desafia-me o tempo todo com seu raciocínio lógico e pouco sábio. Creio que não terei outro caminho senão obrigá-la a plantar um jardim! Maria Flor é uma criatura rara. Sinto que ela tem a mesma alma que Clara.

Somos felizes. Preciso dizer-lhe que você é uma lembrança constante em nossa vida. Em tudo lhe recordamos. Clara se inquietou muito no início de como eu poderia saber tanto de você. Desviei-me como pude, mas cumpri o seu desejo de que ela nunca viesse a saber de nossa correspondência.

Não demorei muito para encontrar o lugar em que você armazenou as correspondências que lhe enviei. Todas elas, minhas e suas, estão guardadas numa mesma maleta que mantenho sob sete chaves. Tenho o hábito de uma vez por ano recolher-me num canto da casa e reler todo o processo de nossa amizade. Confesso que vejo na correspondência o roteiro do meu crescimento.

Hoje, distante daquelas primeiras palavras, tão marcadas pelo sentimento de perda e desolação, tão marcadas pela imaturidade que é própria de quem não enxerga a vida pelos olhos da simplicidade, quero realizar este gesto final, e que para mim tem valor sacramental. Quero selar nossa correspondência com esta carta de agradecimento.

Obrigado por ter me retirado do mundo das perguntas absurdas e inférteis. Obrigado por ter posto em mim o desejo de sair das margens convencionais da razão e adentrar os controversos e belos caminhos da sabedoria.

Obrigado por filiar-me ao seu coração de pai, assumindo-me como filho rebelde que merece carinho para aprender a lição necessária. Obrigado por ter olhado sem pressa para a pintura da minha vida e nela ter reconhecido traços que mereciam mais técnica.

Obrigado por ter visto os jardins escondidos na minha alma, e por tê-los feito florir pela força de um plantio na terra da realidade.

Obrigado por me revelar a sabedoria que reside na arte da Jardinagem e por ter me ensinado que Deus costuma Se esconder nos jardins. Obrigado por ter-me feito aventurar no mistério das sementes que aceitam a morte para que nasça a beleza que delas provém.

Obrigado por ter-me preparado Clara. Alma rara neste mundo tão marcado pelas almas mancas, raquíticas. Ela, com seu jeito simples de ser mulher, vive me arrancando de minhas posturas mesquinhas e visões de superfície.

Obrigado pela herança. Herança humana, herança filosófica, herança espiritual. Mesmo sem nunca ter sido visto pelos seus olhos, mas totalmente enxergado pelo seu coração, você fez a minha história ser diferente.

Eu continuo por aqui, meu pai querido. Clarificado pelas riquezas que já foram suas e que agora são minhas.

Quando tudo parecia irremediavelmente perdido em minha vida, eu fui encontrado por você. De forma surpreendente, você resolveu me querer bem. Chorou e sorriu comigo. Semeou-me de sonhos e esperanças de um futuro bom. Direcionou os meus olhos para um lugar mais alto, mais bonito e me convenceu a construir um jardim à frente de minha casa, mas que também ramificou e floresceu nos territórios de minha alma. Um jardim onde eu aprendi a mística das esperas. Lugar onde a vida me recriou, como se um movimento materno me reconduzisse ao ventre, tecendo-me de novo, lapidando-me, livrando-me dos excessos. Um lugar onde vivi o itinerário do meu florescimento humano. Um jardim onde eu pude recomeçar.

Florido de alegrias, por aqui permaneço.

Sempre grato, seu filho, pai de seus netos.

Alfredo

Quem vive se buscando
nunca para de chegar.



Padre Fábio de Melo é mineiro da cidade de Formiga, graduado em Filosofia e Teologia, pós-graduado em Educação e mestre em Teologia Sistemática. Ele se dedica ao trabalho da evangelização pela arte em diversas áreas de atuação: como padre, professor universitário, escritor, cantor e compositor.